

Plano Museológico
MUSEU CASA KUBITSCHKEK
2021 - 2025



FICHA TÉCNICA

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Secretaria Municipal de Cultura

Fundação Municipal de Cultura

Diretoria de Museus

Museu Casa Kubitschek

Elaboração do Plano Museológico:

Ana Karina Bernardes - Técnica em Patrimônio Cultural

Cláudia Lima - Técnica em Museologia

Vanessa Barboza Araujo - Coordenadora do Museu Casa Kubitschek

Belo Horizonte, abril de 2021.

Foto da capa: Marcel Gautherot, *in* PAPADAKI, 1950, p. 108.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1. CARACTERIZAÇÃO	6
1.1. Geolocalização	6
1.2. Histórico da Edificação	8
1.3. Trajetória institucional	14
1.4. Perfil museológico	17
2. PLANEJAMENTO CONCEITUAL	23
Missão	23
Visão	23
Valores	23
Objetivos estratégicos	24
3. DIAGNÓSTICO	25
Análise Swot	25
4. PROGRAMAS	29
4.1. Programa Institucional	29
4.1.1. Organograma	30
4.1.2. Normativas	31
4.2. Programa de Gestão de pessoas	31
4.3. Programa de Acervos	33
4.3.1. Sala de Guarda	34
4.4. Programa de Pesquisa	36
4.4.1. Pesquisa sobre o acervo musealizado	36
4.4.2. Pesquisa referente à temática do museu	37
4.4.3. Pesquisa de público	41
4.5. Programa de Exposições	42
4.5.1. Exposição de longa duração	43
4.5.2. Exposição temporária	44
4.5.3. Edificação e jardins	44
4.6. Programa Educativo e Cultural	45
4.7. Programa Arquitetônico-urbanístico	48
4.8. Programa de Financiamento e Fomento	55
4.9. Programa de Comunicação	56
4.10. Programa Socioambiental	57
4.11. Programa de Acessibilidade	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

ANEXOS	64
ANEXO 1	65
Quadro descritivo das áreas e estado de conservação das edificações	65
ANEXO 2	72
Entrevista: Juracy Brasiliense Guerra	72
ANEXO 3	81
Normas de visitação	81
ANEXO 4	83
Orientações para fotografia e filmagem	83
ANEXO 5	86
Regras para Realização de Piquenique Museu Casa Kubitschek	86

APRESENTAÇÃO

O documento que ora apresentamos constitui o Plano Museológico do Museu Casa Kubitschek. Nele encontram-se os pressupostos conceituais que fundamentam a vocação, a missão e os objetivos do Museu. Como documento estratégico norteador, aponta as diretrizes dos programas que deverão se desenvolver nos próximos quatro anos, devendo ser revisto dentro de dois anos.

A elaboração deste documento procurou atender ao Estatuto de Museus, instituído pela Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 e regulamentado pelo Decreto Nº 8.124, de 17 de outubro de 2013, que, em seu art. 44, estabelece a obrigatoriedade de elaboração e implementação do Plano Museológico para todos os museus brasileiros. Ele constitui uma ferramenta básica para o planejamento estratégico das instituições museais. A formulação do plano estimula os museus a refletir sobre suas proposições institucionais, norteia o trabalho que será desenvolvido ao longo do período estabelecido e delimita a atuação do museu frente à sociedade.

A escrita do Plano Museológico do Museu Casa Kubitschek foi uma grande oportunidade para que diversas questões discutidas pelos técnicos pudessem ser sistematizadas. O perfil museológico da instituição e seu planejamento conceitual receberam atenção especial, pois a trajetória do MCK é recente e poucos documentos se preocuparam em conceituá-lo. Desta forma, as premissas conceituais do museu, expressas nas duas primeiras partes do documento, se alongaram. Entendemos que era necessário um maior aprofundamento teórico para subsidiar as proposições institucionais.

Quanto ao diagnóstico, desenvolvemos a análise swot com todos os funcionários (servidores, estagiários e terceirizados) lotados na instituição, em outubro de 2020; realizamos vistorias nas instalações físicas do museu e reunimos informações expressas em documentos diversos. Optamos por inserir no item Diagnóstico apenas os resultados da análise swot. Os outros dados coletados foram distribuídos nos programas aos quais se referem, garantindo maior fluidez ao texto.

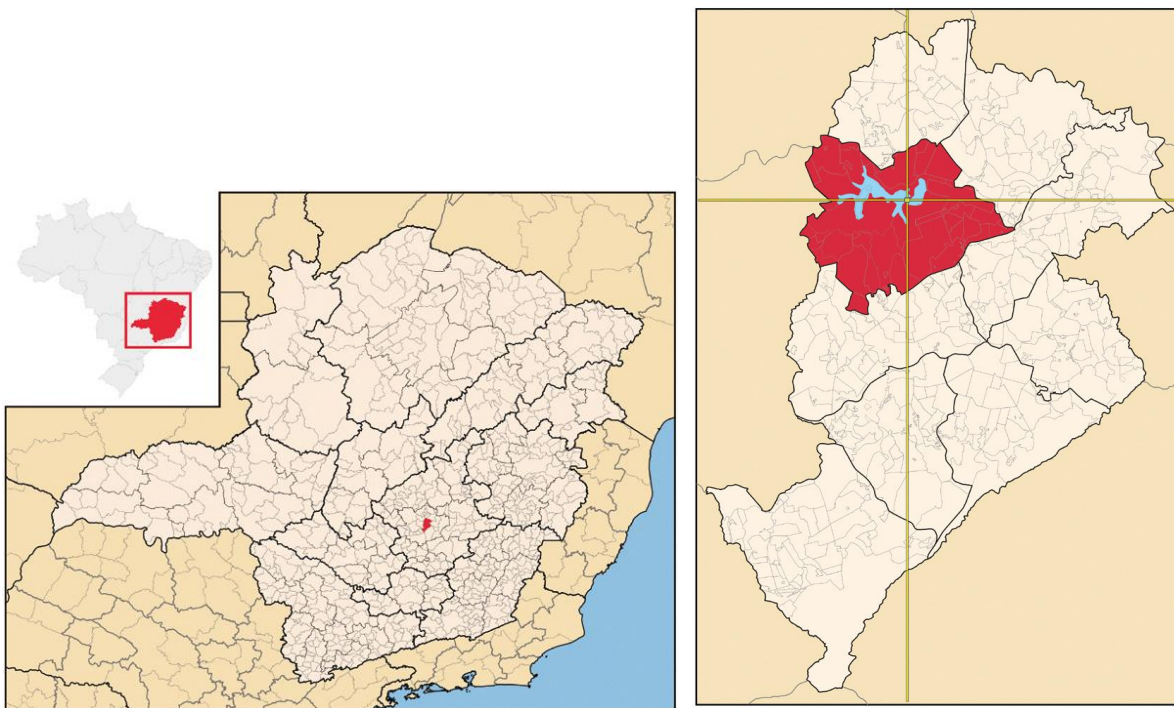
O primeiro movimento do Museu Casa Kubitschek no sentido da elaboração do seu Plano Museológico aconteceu em 2016, quando um minucioso diagnóstico foi realizado e as diretrizes básicas do planejamento foram traçadas. O documento final, no entanto, não chegou a ser publicado, mas muitas questões apresentadas em 2016 estão apontadas aqui.

O Plano Museológico que ora apresentamos foi discutido em dois fóruns ampliados. O primeiro, interno (04/11/2020), contou com a participação dos coordenadores das seis unidades museais municipais e o segundo (10/12/2020), aberto à convidados, contou com a presença de André Leandro Silva (COMUC), Jurema Machado, Letícia Julião (UFMG), Maria Ignez Mantovani (EXPOMUS), Renato Anelli (INSTITUTO BARDI), além de Françoise Jean de Oliveira Souza e Letícia Dias Schirm, membros da Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público da Fundação Municipal de Cultura.

1. CARACTERIZAÇÃO

1.1. Geolocalização

O Museu Casa Kubitschek (MCK) localiza-se na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Está situado na margem da Lagoa da Pampulha - Avenida Otacílio Negrão de Lima, nº 4.188, bairro Bandeirantes.



Mapa da localização de Belo Horizonte e da Lagoa da Pampulha. IPHAN, 2017, p.26/27.



Localização do MCK na orla da Lagoa da Pampulha. Acervo CEDOC/MCK.



Vista aérea MCK. Fonte: Google Earth. Data da imagem: 15/05/2018. Altitude do ponto de visão: 223m.



Vista frontal e posterior do MCK. Fotografia: Gabriel Castro, 2016.

1.2. Histórico da Edificação

O Museu Casa Kubitschek é um equipamento cultural público, mantido e administrado pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e da Fundação Municipal de Cultura (FMC).

Sua origem remonta à desapropriação da casa modernista localizada no número 4188 da Avenida Otacílio Negrão de Lima. Dada a relevância da edificação e seu pertencimento ao Conjunto Urbano da Lagoa da Pampulha, em 2005 a PBH desapropriou a casa para a criação de um equipamento cultural.

Esta casa, que hoje abriga o museu, foi construída às margens da Lagoa da Pampulha em 1943, para ser residência de fim de semana do então prefeito Juscelino Kubitschek. Ao edificá-la, JK tinha a intenção de estimular a ocupação da região, idealizada para tornar-se um sofisticado “bairro de recreio” de Belo Horizonte.

O início da construção da represa da Pampulha data de 1936 - gestão de Otacílio Negrão de Lima (1935-1938). Sua motivação está associada à necessidade de novos reservatórios de água para Belo Horizonte, que passava por grande aumento populacional. Ainda que o objetivo principal da construção da represa fosse o abastecimento de água, Otacílio Negrão de Lima já sinalizava para a transformação do local em uma região voltada ao lazer.

“Em torno do grande lago, circundado por uma avenida em construção, é fácil prever a edificação de um novo e pitoresco bairro de recreio, destinado a atrair a afluência daqueles que, em dias de folga, queiram entregar-se a entretenimentos, repousando do diuturno labor da cidade. A larga superfície líquida presta-se aos esportes de natação e remo, assim como o pouso de hidroaviões. Com a proximidade do campo de aviação, o bairro da Pampulha constituirá pois, um ‘aero-porto’ para servir excelentemente a Belo Horizonte.” (ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1936, p.16 apud FERREIRA, 2007, p.56)

Em 1º de abril de 1939, a Prefeitura de Belo Horizonte publicou o [decreto nº 55](#), que estabeleceu as características das construções a serem erguidas nos terrenos marginais à represa. As residências deveriam seguir o estilo colonial, neocolonial, missões ou normando, não se admitindo estilos que destoassem do ambiente campestre. A área ocupada pela construção não poderia ultrapassar 25% do lote. Os afastamentos frontais e laterais eram obrigatórios, sendo que a frente do terreno deveria ser necessariamente ajardinada e as divisas do lote delimitadas por cercas vivas, devidamente tratadas.

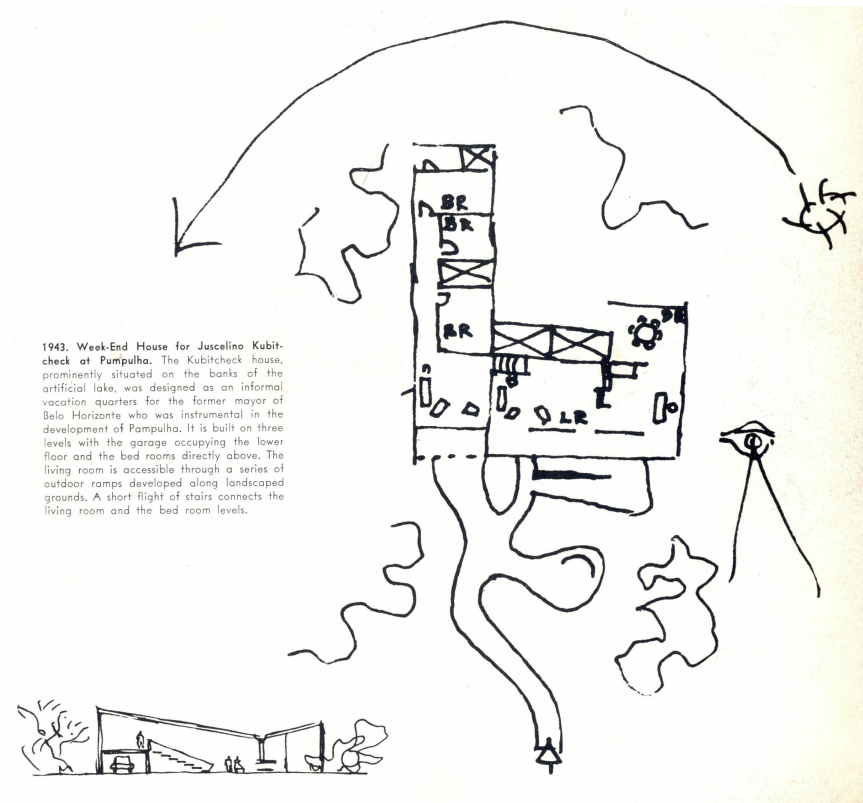
O [Decreto nº 99](#) de 25 de agosto de 1941, dá novo texto e modifica esse decreto, mas mantém a exigência referente às diretrizes estilísticas. Nesta perspectiva, a casa projetada por Oscar Niemeyer para JK, em estilo modernista, acabou entrando em desacordo com a legislação vigente.

Construída em um terreno de 2.900m², em alicive, o projeto da casa fez uso da topologia natural do terreno. A edificação conta com grande afastamento frontal, lateral direito e posterior. Os setores são bem definidos e a área social - varanda, sala de estar, sala de jantar, sala de música, sala de jogos – é disposta paralelamente ao alinhamento frontal. A varanda é envidraçada e antecede as salas de estar e jantar, possuindo formato retangular alongado.

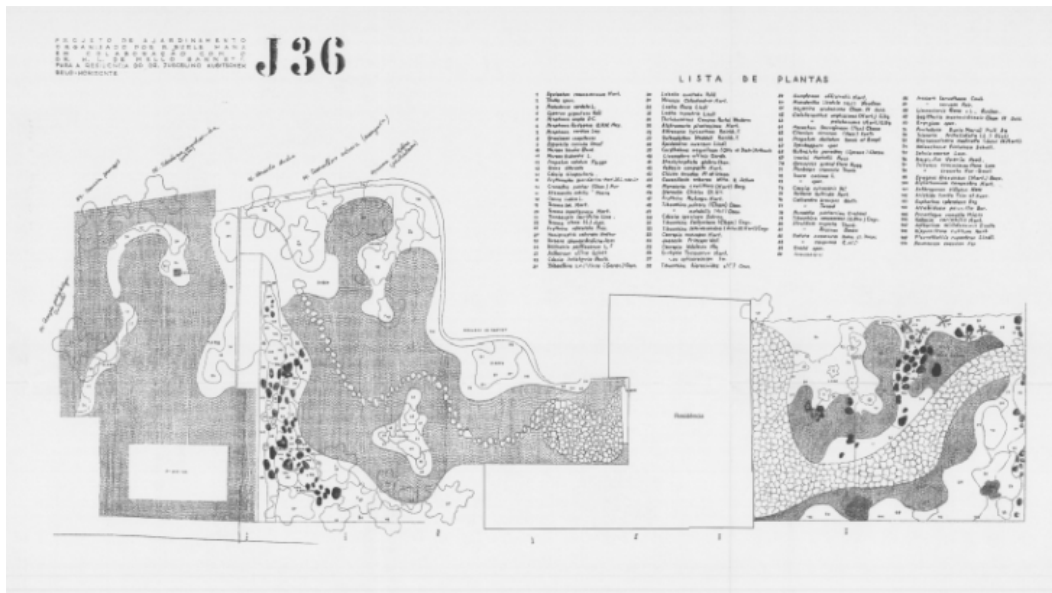
Acima da varanda, observa-se a empena da cobertura em “V” - telhado de duas águas que convergem para uma calha central. Esta cobertura ficou conhecida como “telhado borboleta”, utilizado também no late Clube e posteriormente em várias residências no país, durante os anos 1950 e 1960. A empena é revestida por toras de madeira, dando rusticidade à casa de campo. À esquerda há um recuo que protege a entrada da garagem. Acima dela, encontra-se uma janela em esquadria de madeira e vedação em vidro transparente liso, referente ao mezanino, que aproveita o pé-direito proporcionado pela inclinação do telhado.

O acesso ao mezanino é feito por uma escada com os então inéditos degraus em balanço, que partem da sala de jantar. Ele estabelece a transição da área social para o setor íntimo, localizado no pavimento superior, com destacada privacidade. O setor íntimo conta com três quartos voltados para o pátio, todos com banheiros privativos em suíte, disposição inovadora para a época.

A ala íntima está disposta de forma perpendicular ao setor social, formando um “L”, implantação observada no croqui de próprio punho realizado por Oscar Niemeyer. Até o momento, localizaram-se dois documentos que remetem à esta proposta de partido arquitetônico: o croqui e o projeto paisagístico elaborado por Roberto Burle Marx.



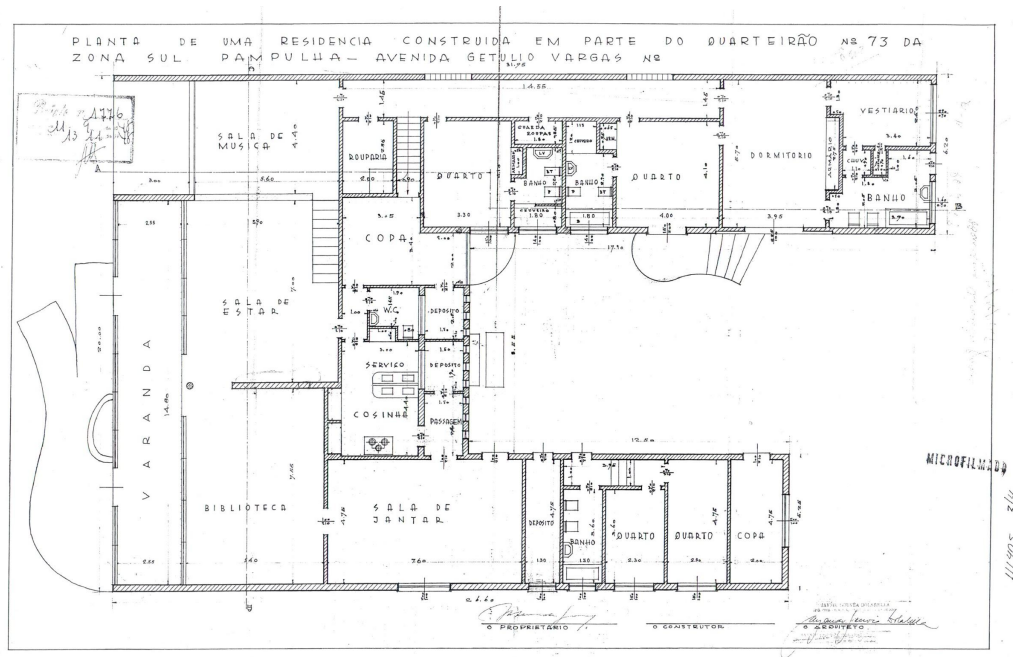
PAPADAKI, 1950, p. 109



LANA, 2009, anexo.

Atualmente a edificação possui partido arquitetônico em “U”, com uma ala de serviço construída no lado oposto à ala íntima. Esta implantação já pode ser observada em planta de regularização aprovada em 1948, de autoria de Jayme Gouvea Dolabella. Este documento acaba por nos fazer questionar se a casa teria sido construída originalmente em

“L”, passando por ampliação posterior ou se o partido em “U” já teria sido adotado logo na sua construção.



IEPHA/MG, 2014, p.9

Vale notar que elementos usados no acabamento da ala de serviços, como os basculantes e suas ferragens, a paginação dos azulejos, o piso em pastilha sextavada e a louça da pia são idênticos aos das outras áreas molhadas da casa, sinalizando a possibilidade do partido em “U” ser original.

O ano de 1948 faz parte de um período ainda pouco elucidado na história da casa, que passou por quatro proprietários. Juscelino utilizou a casa de campo no período em que foi prefeito de Belo Horizonte, tendo vendido a propriedade quando mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1946, eleito deputado federal. De acordo com a documentação arquivada no 6º Ofício do Registro de Imóveis, em março de 1946 Juscelino trocou a casa por quatro lotes, na mesma região, com Henrique Almeida Gomes. Um ano depois, em março de 1947, Henrique Almeida Gomes transferiu o imóvel para Linda Antognini de Freitas Bastos. De acordo com essa documentação, somente em 1982 o imóvel passou oficialmente, às mãos da família Guerra¹ – última proprietária da casa, até sua desapropriação, em 2005. Vale

¹ Joubert Guerra (1899-1977) era amigo íntimo e assessor de Juscelino Kubitschek. Nasceu em Diamantina e foi prefeito da cidade no período de 1936 a 1940. Em Belo Horizonte, durante a gestão de JK, ocupou os cargos de chefe de gabinete, secretário e inspetor chefe da Pampulha. De 1947 a 1951, foi deputado estadual em Minas Gerais, pelo PSD. Em 1951 foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais pelo governador Juscelino Kubitschek, presidindo a corte em 1952 e no biênio 1955-1956.

notar que, em depoimento concedido à Diretoria de Patrimônio, em 1997, Dona Juracy Guerra² afirma ter adquirido a casa em 1953, quando morava no Rio de Janeiro, usando o imóvel como casa de campo.

A construção da casa guarda outra questão controversa: ser fruto da reforma de uma casa já existente no terreno. Sabe-se que o primeiro estudo apresentado por Oscar Niemeyer a JK, por razões desconhecidas, não foi construído. Este projeto foi adaptado e executado, posteriormente, para a residência de Prudente de Moraes, no Rio de Janeiro.

Sobre o projeto realmente executado, Oscar Niemeyer escreveu, em 1948, na revista *Arquitetura Contemporânea no Brasil*:

“Este projeto, que constitui uma simples reforma, procura, dentro das limitações que esses casos obrigam, adaptar melhor a casa ao ambiente local. Situada na margem do lago da Pampulha, suas salas envidraçadas aproveitam toda vista da represa”. (NIEMEYER, 1948, p 40 apud ALMEIDA, p.94)

Em resposta à uma correspondência enviada pelo Museu Histórico Abílio Barreto, em janeiro de 2009, Oscar Niemeyer mais uma vez afirma:

“Sobre a residência denominada Casa Kubitschek que o presidente ocupou durante a construção de Pampulha quero declarar que não é projeto meu – uma casa que já existia e foi por nós apenas reformada.”

Todas estas questões merecem investigação mais aprofundada, mas não retiram da Casa Kubitschek sua relevância como exemplar do modo de morar modernista e como representante do incipiente “bairro de recreio” da Pampulha dos anos 1940.

São diversos os elementos modernistas observados na edificação – setorização bem definida, planta livre, pé-direito alto, espaços funcionais, fachadas envidraçadas com presença de janelas em fita, integração da arquitetura à paisagem do entorno, valorização da iluminação natural, marquise, acesso por rampas, utilização de linhas retas e formas simples, obras de arte integradas, além de projeto paisagístico elaborado por Roberto Burle Marx.

² A esposa de Joubert Guerra, Juracy Brasiliense Guerra (1909-2004), foi a moradora que por mais tempo ocupou a casa. Deve-se à ela a preservação da edificação e o rigor na manutenção de sua arquitetura original. Durante décadas ela usufruiu da casa e um pouco de sua história é revelada nos móveis que hoje constituem parte do acervo do Museu. Em 2005, quando a Prefeitura de Belo Horizonte adquiriu o imóvel para transformá-lo em um museu público, incorporou também os móveis de Dona Juracy. Grande parte deles traz características modernistas e em quatro peças, a própria Juracy fez intervenções decorativas.

Característica marcante da residência é o diálogo que os elementos modernistas estabelecem com componentes da arquitetura colonial mineira, como treliças e esquadrias de madeira pintadas de azul, contrastando com a alvenaria na cor branca, beirais e base das fachadas em pedras irregulares remetendo aos baldrames.

Completa a residência de final de semana, a área de lazer situada nos fundos do terreno, que conta com uma piscina retangular, medindo 6m x 11m e quase 2m de profundidade, com três raias. Estima-se que esta piscina fora uma das primeiras piscinas residenciais de Belo Horizonte. Nos anos de 1930 e 1940, Minas Gerais vivenciou a implementação de uma forte política de difusão da cultura física – alinhada ao ideário modernista -, tendo a nataçãõ ocupado lugar de destaque. Segundo a pesquisadora Marilita A. A. Rodrigues, foi a partir da década de 1930, que a nataçãõ encontrou condições de se desenvolver em Belo Horizonte, que viu ser construídas as piscinas do Atlético e do América, e a piscina olímpica do Minas Tênis Clube. Antes disto, a cidade contava apenas com a piscina do Anglo-Mineiro, criada em 1914 (2006, p. 196).

A articulação de todos esses elementos resultou em uma residência singular, que recebeu proteção legal por meio dos tombamento federal (1997), estadual (2009) e municipal (2003)³.

Em julho de 2016 o Conjunto Moderno da Pampulha foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. A casa que abriga o Museu Casa Kubitschek, no entanto, não foi incluída entre os edifícios que compõem a *core zone*⁴ – Museu de Arte da Pampulha, Casa do Baile, Igreja de São Francisco de Assis e late Clube. Entendeu-se que, em sua origem, o conjunto foi concebido como uma entidade única, da qual a casa - edificação residencial - não fazia parte. Desta forma, a casa passou a integrar a zona de amortecimento do Conjunto Moderno da Pampulha, área que protege e garante a unidade paisagística do local.

³ A residência conta com tombamento federal, inserindo-se no Conjunto Urbanístico e Arquitetônico da Pampulha. O bem foi inscrito, no ano de 1997, no Livro de Conjuntos Arquitetônicos e Paisagísticos, no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; no Livro de Belas Artes e no Livro Histórico do IPHAN. Possui, também, tombamento municipal, fazendo parte do Conjunto Urbano da Lagoa da Pampulha e Adjacências: edificações de uso coletivo e seus bens integrados – 2003. No ano de 2009, em reunião extraordinária do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (CONEP), foi aprovado o tombamento da Casa JK. O bem foi inscrito nos Livros de Tombo nº. II, III e IV do IEPHA/MG, respectivamente do Tombo de Belas Artes, do Tombo Histórico, das obras de Arte Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos e do Tombo das Artes Aplicadas.

⁴ Trata-se da zona coração, núcleo central da área protegida, na qual estão localizados os elementos declarados com valor universal excepcional.

1.3. Trajetória institucional

O imóvel que hoje abriga o Museu Casa Kubitschek foi declarado de utilidade pública em 2005, por meio do [decreto nº12.098](#) e no [decreto nº 12.902](#), de 2007, foi inserido como bem imóvel de propriedade do município de Belo Horizonte, incorporado à FMC.

Em 2008, no [decreto nº 13.128](#), a instituição, denominada Casa Kubitschek, foi inscrita no Estatuto da Fundação Municipal de Cultura, como uma unidade da Diretoria do Museu Histórico Abílio Barreto, que assumiu a competência de gerenciar a Casa.

Já em 2011, por meio do [decreto nº 14.371](#), a atribuição de gerenciar a Casa Kubitschek passou às mãos do Museu de Arte da Pampulha.

Em 10 de setembro de 2013, a Casa foi aberta ao público.

Em 2014, no [decreto nº 15.775](#), a Casa Kubitschek voltou às mãos do Museu Histórico Abílio Barreto que passou a ter a função de gerenciá-la, “potencializando sua atuação como centro de referência que estimule o conhecimento e discussão sobre o modernismo em Belo Horizonte.”

Em 2015, no novo Estatuto da Fundação Municipal de Cultura, aprovado pelo [decreto nº 16.049](#), a Casa Kubitschek aparece subordinada à Diretoria de Museus e Centros de Referência e não mais atrelada a outro museu. Nesta nova perspectiva, a instituição recebe atribuições condizentes a equipamentos museais.

Art. 84 - Compete à Casa Kubitschek:

- I - potencializar sua atuação como centro de referência que estimule o conhecimento e discussão sobre o modernismo em Belo Horizonte;
- II – promover iniciativas de pesquisa e fomento à cultura e de circulação da produção cultural, especificamente aquela voltada para as questões da moradia e design modernos;
- III - apoiar, incentivar e divulgar iniciativas voltadas para a pesquisa, a valorização e a reflexão dos hábitos culturais da casa brasileira;
- IV - gerenciar as áreas de processamento técnico, preservação, pesquisa e divulgação do acervo sob sua guarda.
- V - executar ações de natureza técnica, administrativa e orçamentária com o objetivo de proporcionar a eficácia das suas atividades, assegurando as melhores condições para o funcionamento, divulgação, preservação e acesso ao acervo sob sua guarda.
- VI - propor critérios e normas para seu adequado funcionamento e utilização, pautando-se pelas diretrizes de preservação e de conservação das edificações que os abriga, e pelas especificidades e singularidades da sua linha de atuação.

Em 2016, por meio do [decreto nº 16.196](#), o Estatuto da Fundação Municipal de Cultura foi alterado, inserindo uma nova Diretoria em sua estrutura: a Diretoria do Conjunto Moderno da Pampulha. A Casa Kubitschek ficou subordinada a esta Diretoria, ao lado do Museu de Arte da Pampulha e da Casa do Baile. Suas competências não foram alteradas.

Em 2017, no [decreto nº 16.684](#), que dispõe sobre a estrutura orgânica dos órgãos e entidades do Poder Executivo, a Casa Kubitschek volta a aparecer subordinada à Diretoria de Museus, o que fortalece sua atuação museológica.

Neste ano, os cinco museus municipais foram novamente reunidos na Diretoria de Museus. Ao vincular todos os equipamentos museais a uma mesma diretoria, a Fundação Municipal de Cultura garante que diretrizes comuns de preservação e difusão dos acervos sejam implementadas e que os programas institucionais se fortaleçam com o trabalho integrado.

Em 2019, por meio do [decreto nº 17.140](#), um novo Estatuto da Fundação Municipal de Cultura é aprovado e a Casa Kubitschek mantém-se na Diretoria de Museus, com uma nova denominação: Museu Casa Kubitschek. Suas competências também recebem um novo texto:

Art. 49 – O Museu Casa Kubitschek tem como competência gerenciar a sua atuação como instituição museológica com o objetivo de estimular o conhecimento do movimento modernista de Belo Horizonte relacionado à paisagem cultural da região da Pampulha, com atribuições de:

I – promover, apoiar e divulgar as iniciativas de pesquisa, preservação, difusão e fomento da história e da memória individual e coletiva, relativas ao desenvolvimento da região da Pampulha e de sua paisagem cultural, no que tange aos espaços de moradia e habitação;

II – promover, apoiar, e divulgar iniciativas voltadas para a pesquisa e a reflexão sobre hábitos culturais, modos de morar e construir a casa brasileira;

III – gerenciar as áreas de processamento técnico, preservação, pesquisa e divulgação do acervo sob sua guarda;

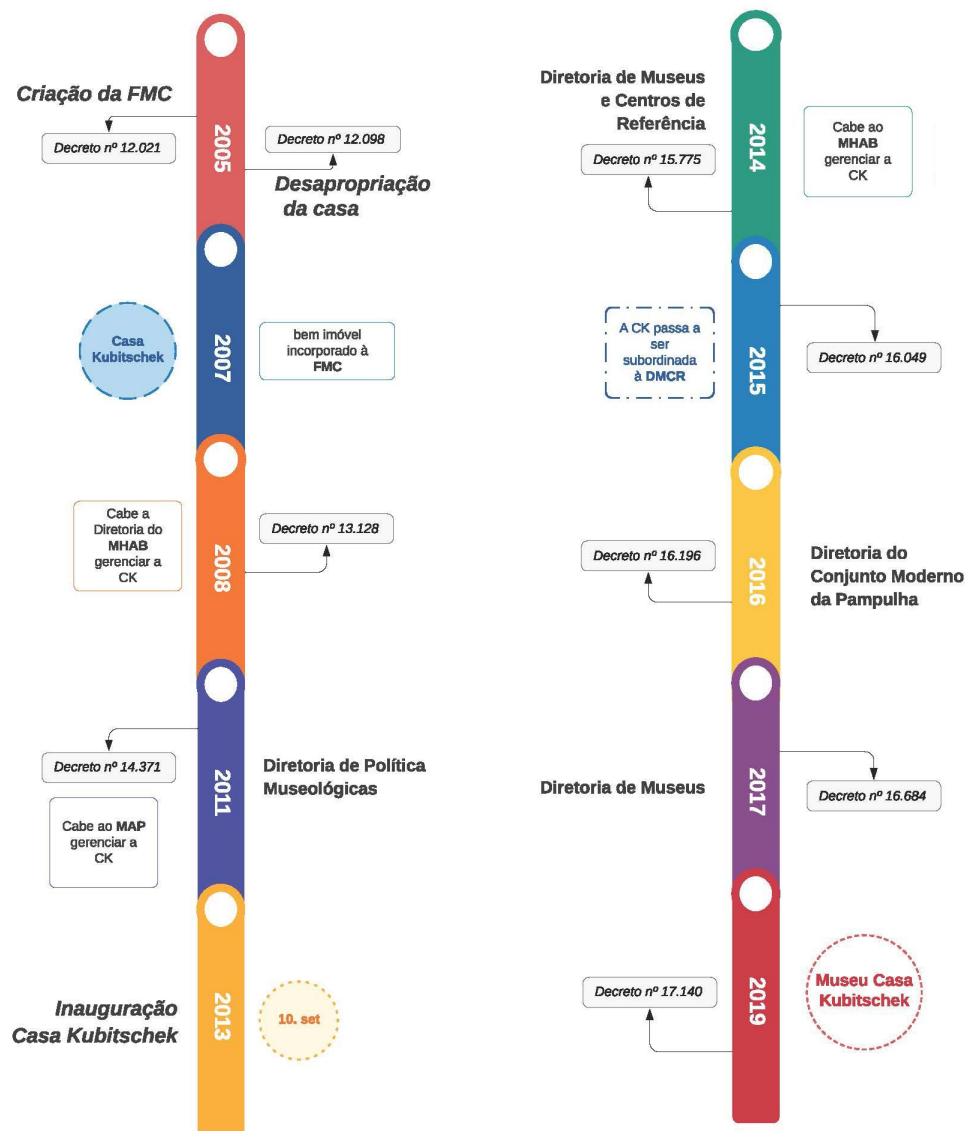
IV – implementar projetos de educação para o patrimônio cultural e paisagístico;

V – propor e executar os critérios e normas para seu adequado funcionamento e utilização, pautando-se pelas diretrizes de preservação e de conservação das edificações que o abrigam e pelas especificidades e singularidades da sua linha de atuação;

VI – analisar e sistematizar informações, de forma a nutrir o sistema de monitoramento e avaliação.

Desde 2015, quando a Casa Kubitschek desatrelou-se de outro museu, ficando subordinada diretamente à Diretoria de Museus, foram-lhe atribuídas funções características de museus, como realizar o processamento técnico, a preservação, a pesquisa e a divulgação do acervo sob sua guarda. Em 2019, essas ações permaneceram,

mas a inserção do termo “museu” em sua denominação realçou sua condição de instituição museológica.



O Museu Casa Kubitschek chega em 2019, portanto, com denominação, atribuições e vinculação adequadas a uma instituição museológica. A tarefa, em pauta neste momento, é a elaboração de seu Plano Museológico, que deverá definir as diretrizes de atuação do Museu, dentre elas, sua missão e seus objetivos.

Traremos, a seguir, algumas problematizações que deverão orientar questões a serem discutidas no Plano. A primeira delas, diz respeito à tipologia de museus.

Visto que a atual denominação da instituição combina os substantivos “museu” e “casa” e que a união deles resulta em um tipo de museu específico, o “museu-casa”, propomos refletir sobre a aplicação deste conceito.

1.4. Perfil museológico

Se por um lado, o termo “museu”, acrescentado à denominação Casa Kubitschek qualifica melhor a instituição cultural e, para os leigos, transmite uma informação bastante precisa, pois informa que aquele equipamento se trata de um museu, para os especialistas, a junção do substantivo museu ao substantivo casa, acaba por remeter a um tipo específico de museu: o museu-casa.

A tipologia museu-casa é bastante complexa, reunindo museus que versam sobre conteúdos diversos. Sua definição não é tarefa simples e vários pesquisadores criaram classificações próprias, baseadas em critérios e metodologias distintas.

Em 1998, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) criou o Comitê Internacional para Museus de Casas Históricas (DEMHIST), que assumiu, dentre diversas atribuições, a tarefa de elaborar um sistema de classificação para os numerosos tipos de museus de casas históricas.

Em 2007, o Comitê apresentou uma proposta para categorização dos museus-casa. Conforme tradução e adaptações de Ana Cristina Carvalho (2013), temos:

1. Casa de Personalidade (escritores, artistas, músicos, políticos, heróis militares, etc).
2. Casa de Colecionador (antiga casa de um colecionador).
3. Casa de Arquitetura Destacada (o principal motivo para o museu é a casa em si – casa como acervo).
4. Casa de Eventos Históricos (comemoram um evento que aconteceu na/pela casa).
5. Casa de Sociedade Local (museus-casas formados pela sociedade local, que busca um espaço cultural que reflita sua própria identidade, mais que motivos históricos).
6. Casa de Poder Real (palácios abertos ao público).
7. Casa Clerical (monastérios, abadias ou outras casas eclesiásticas que são ou foram residências, e que sejam abertas ao público).
8. Casa de Arquitetura Vernacular (construções vernaculares que refletem um modo de vida e de construção que já não são mais reproduzidos).

9. Casa para Museu (museu-casa que tem potencial para abrigar coleções não relacionadas a sua história).
10. Salas temáticas (museu-casa que possui cômodos inspirados em estilos de diferentes períodos) .
11. Casa Rural (casas ou palacetes rurais abertos ao público).

Esta classificação internacional demonstra a diversidade deste tipo de museu e tem contribuído para a realização de reflexões e pesquisas regionais.

Em Portugal, o pesquisador António Manuel Torres Ponte (2007) desenvolveu extenso trabalho sobre os museus-casa portugueses e, na sua perspectiva, para ser considerado museu-casa, o museu deve retratar a vivência de determinada pessoa; sua maneira de pensar e de agir; suas necessidades e gostos pessoais. A ambientação do museu-casa deve ser capaz de revelar a biografia de seu patrono. A edificação, os bens móveis e sua disposição devem estar atrelados ao homenageado, conservando sua disposição original. Para o autor, os museus-casa operam a passagem do privado para o público, legitimando a memória pessoal de uma personalidade.

No Brasil, a pesquisa de Ana Cristina Carvalho (2013), publicada pela Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, traça um panorama dos museus-casa em território nacional, considerando a classificação proposta pelo DEMHIST. Ao todo, a autora reúne cerca de 300 instituições museais, cujas características encontram-se alinhadas a uma ou mais categorias de museus-casa.

O trabalho de Micheli Martins Afonso (2015) também analisou a realidade brasileira dos museus-casas. Segundo a autora, ainda que muitas “Casas de Personalidade” tenham o objetivo de homenagear um determinado personagem, não o fazem por meio de exposições que representem sua vida cotidiana. Para as instituições de guarda cuja premissa principal seja apresentar por meio de bens móveis de uso pessoal, o cotidiano, a vivência íntima de uma pessoa, família ou grupo social, a autora propõe a categoria “Museu-Casa de Memória Íntima”.

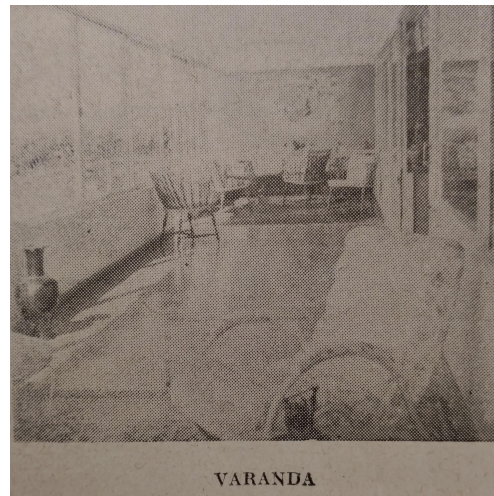
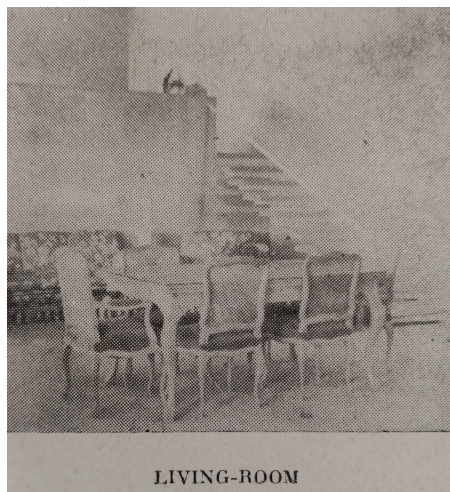
Seu objetivo é a preservação da memória do homenageado. O principal é que o ambiente aproxime o visitante, de maneira íntima, do patrono ou patronesse da instituição. A coleção de objetos expostos é testemunha da história de vida daquela personagem e está carregada de pessoalidade. Sua disposição deve remeter à época de vivência do patrono ou patronesse.

Ainda que as discussões sobre o conceito, a classificação e a terminologia relativas aos museus-casa não estejam consolidadas, podemos afirmar que o MCK não se enquadra no formato de um museu-casa original (PONTE, 2007) ou museu-casa de memória íntima (AFONSO, 2015).

Em sua denominação, o MCK homenageia Juscelino Kubitschek, idealizador do Conjunto Moderno da Pampulha, prefeito de Belo Horizonte (1940-1945), governador de Minas Gerais (1951-1955), presidente do Brasil (1956-1961).

Juscelino é o responsável pela construção da casa, tendo-a freqüentado, como casa de campo, por três anos, de 1943 a 1946. Após este período, a casa foi vendida. Sobre o uso da casa por JK pouco se conhece.

Até o momento, foram localizadas apenas duas fontes que nos informam sobre o uso da casa e seu mobiliário, antes da ocupação pela família Guerra: as fotografias publicadas na revista *Arquitetura e Engenharia*, de 1946, e os relatos de D. Juracy Guerra, em entrevista concedida à Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural, em 1997 (anexo 2).



Revista *Arquitetura: Engenharia-Urbanismo, Belas Artes-Decoração*; Ano I, Nº 1, set. - out. de 1946, p.42-43.

Nesta entrevista, D. Juracy Guerra afirma que a família possuía dois móveis que pertenceram a JK: a cadeira Giroflex e a escrivaninha. Não há informações mais precisas sobre como esses móveis se tornaram propriedade de Juracy. Tendo em vista que D. Juracy e seu marido Joubert Guerra foram amigos pessoais de JK, é possível que os móveis tenham ficado de “herança” para o casal, ou, deixados na casa, acabaram “passados” de um proprietário a outro. Fato é que, ao desapropriar o imóvel para instalação do museu, a Prefeitura de Belo Horizonte adquiriu também o mobiliário que compunha os ambientes internos da casa e pertenciam à Juracy Guerra. Trata-se de cerca de 90 móveis, em sua

maioria, exemplares do design modernista, comprados por Juracy, a partir da década de 50, quando ela se torna proprietária da casa.



Sala de Jantar e Sala de Estar D. Juracy Guerra, 2002. Fonte: IEPHA/MG 2014, p.48 e p.52.

Se os móveis que compõem hoje o acervo do MCK retratam a época e o gosto pessoal de D. Juracy Guerra, a arquitetura reflete a época e o gosto de JK.

Além dos traços modernistas, a edificação conta com elementos da arquitetura colonial mineira, em especial de Diamantina: uma menção ao dono da casa.

Observam-se na edificação: treliças e esquadrias em madeira na cor azul, contrastando com o branco das paredes; alusão a baldrame em pedra; varanda tipo balcão ligando o quarto ao pátio interno; paus roliços na empena do telhado borboleta.

Nas áreas externas, o calçamento em placas irregulares de quartzito também faz referência a Diamantina. Nos jardins, Burle Marx inseriu pés da fruta preferida de JK: a jabuticaba.

Se a edificação carrega detalhes significativos sobre o personagem que dá nome ao museu, seu mobiliário, no entanto, refere-se ao universo doméstico de D. Juracy Guerra, pessoa que usufruiu da casa por várias décadas, mobiliou e imprimiu nela suas marcas.

Na perspectiva dos museus-casa de personalidade, teríamos uma casa e dois patronos. O objetivo do Museu Casa Kubitschek, no entanto, não é retratar a memória íntima de nenhum deles. Sendo assim, a instituição não está alinhada às perspectivas das “Casas de personalidades”.

O Museu Casa Kubitschek inscreve-se na categoria de museu histórico, apresentando afinidades com a tipologia de museus-casas, a saber, Casa de Arquitetura Destacada, ou seja, o principal motivo para o museu é a casa em si – casa como acervo.

A arquitetura expressa nas suas obras as características da sociedade que a concebeu. Técnicas construtivas, distribuição e função dos cômodos, princípios estéticos dizem muito sobre o modo de vida e as concepções daquela época e lugar. Sendo assim, as próprias edificações constituem-se em documentos históricos e podem fazer parte das coleções dos museus. No MCK, a casa integra a Coleção Arquitetura e constitui importante fonte histórica - um objeto museológico localizado no espaço urbano.

Assim como a arquitetura, o mobiliário que compõe o acervo do MCK também constitui-se em significativo registro da sociedade dos anos 50, 60 e 70. Nessa perspectiva, a casa e a mobília deslocam-se do lugar de simples atrativo, peças raras que despertam a curiosidade, para ocupar o lugar de documento, objeto gerador de reflexão histórica.

Vale lembrar as reflexões de Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1994), que aponta a importância de as exposições museológicas partirem de problemáticas históricas. Para o autor, “o museu histórico deve operar com problemas históricos, isto é problemas que dizem respeito à dinâmica da vida nas sociedades” (1994, p. 20). Uma vez que se reconheça como instituição histórica, cabe ao Museu Casa Kubitschek fazer-se produtor e não somente guardião da história que apresenta. Assim, são as relações e reflexões que envolvem o acervo do museu que devem ser enfocadas e não somente o acervo em si, uma vez que este é integrante de um contexto maior.

Tomando a casa modernista que abriga o museu como ponto de partida, cabe ao MCK promover amplas reflexões sobre a habitação e os modos de morar, assumindo o universo doméstico como objeto de estudo e extroversão. Como museu histórico, o MCK deverá manter profundo diálogo com a arquitetura e as ciências sociais, de forma a relacionar a diversidade dos modos de morar com os processos técnicos, geográficos, estéticos, afetivos, sociais, econômicos e políticos mais amplos.

Estando a origem da casa atrelada à figura de Juscelino Kubitschek, caberá ao Museu apresentar e discutir o administrador público emblemático que foi JK. Não se trata de fazer da instituição um memorial JK, ou valer-se da categoria museu-casa para o fortalecimento do mito. Trata-se de estudar o ambiente político e cultural no qual a Pampulha foi construída e entender o significado e alcance da gestão de Juscelino à frente da Prefeitura de Belo Horizonte, com seus impactos na história da arquitetura, do urbanismo e do modernismo no Brasil.

Nesta perspectiva, o valor simbólico da casa constitui um aspecto fundamental a ser considerado. Para além de suas qualidades estéticas, a casa modernista do museu pode ser vista como representação da utopia da sociedade moderna enraizada na utopia de uma cidade moderna, que tem na Pampulha um marco fundador.

2. PLANEJAMENTO CONCEITUAL

Missão

Oferecer ao público experiências reflexivas e sensíveis no campo da arquitetura residencial, dos modos de morar, do paisagismo e da história da Pampulha; por meio da preservação, investigação e comunicação de acervos referentes ao universo doméstico, ao movimento modernista e à Pampulha, tendo como marco o projeto de modernização implementado por Juscelino Kubitschek.

Visão

Ser uma instituição museológica protagonista na reflexão sobre os modos de morar em Belo Horizonte e reconhecida como espaço referência na história da Pampulha.

Valores

- Responsabilidade social – compromisso com a dimensão social do Museu;
- Diversidade cultural – reconhecimento e valorização da diversidade das manifestações culturais, assumindo o Brasil como país multicultural e pluriétnico.
- Integridade dos acervos – compromisso com a preservação e valorização do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro;
- Transparência – atuação de forma transparente na gestão dos recursos e do patrimônio público;
- Qualidade – busca da qualidade no desenvolvimento dos projetos e programas institucionais;
- Respeito ao público visitante – manutenção de condições que permitam uma boa visitação e a satisfação do público;
- Excelência – busca de permanente melhoria em todas as áreas da ação institucional;
- Integração – ação integrada entre as diversas áreas da instituição;
- Parceria – reconhecimento da importância do trabalho em cooperação com outras instituições;
- Acessibilidade – busca permanente para eliminar barreiras físicas, comunicacionais, sociais e atitudinais;

Objetivos estratégicos

1. Manter uma estrutura organizacional e de gestão adequadas para o seu pleno funcionamento;
2. Garantir a salvaguarda (conservação, documentação, pesquisa) do acervo sob sua responsabilidade;
3. Tratar o acervo de forma crítica e contextualizada;
4. Desenvolver e apresentar diferentes olhares sobre as temáticas trabalhadas pelo museu;
5. Promover iniciativas de pesquisa e difusão relativas ao desenvolvimento da região da Pampulha e de sua paisagem cultural;
6. Discutir o significado e alcance da atuação de Juscelino Kubitschek na Prefeitura de Belo Horizonte, seu impacto no planejamento urbano e sociedade moderna;
7. Incentivar e apoiar iniciativas voltadas para a reflexão sobre os modos de morar, com ênfase nas discussões em torno da moradia em Belo Horizonte;
8. Contribuir para a preservação e difusão do Conjunto Moderno da Pampulha;
9. Ser acessível a todos os perfis de público;
10. Atuar no entorno do museu, de forma a incentivar a participação da comunidade local nas ações da instituição.

3. DIAGNÓSTICO

Análise Swot

ITEM	PONTO FRACO	PONTO FORTE
<p>MANUTENÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de manutenção no acervo exposto; ● Falta de manutenção em estruturas como esquadrias de portas, janelas e pintura; ● Falta de manutenção dos equipamentos das exposições, tais como televisão e som; ● Os recursos financeiros se mostram frequentemente insuficientes; ● Falta de acompanhamento e orientações dos órgãos de patrimônio, já que se trata de um bem tombado nas três esferas patrimoniais; ● Iluminação inadequada; ● Pontos de infiltrações em vários locais; ● Algumas fechaduras não funcionam; ● Os lagos deveriam estar mais limpos; ● Demora no atendimento de solicitações de manutenção; ● Falta de manutenção no calçamento dos jardins; ● Sistema de irrigação dos jardins apresenta problemas recorrentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ● No geral a infraestrutura física do Museu e todas as suas dependências são boas, necessitando apenas de uma manutenção rotineira mais incisiva; ● Baixa burocracia para abertura de ordens de serviço de manutenção; ● Presença de um profissional com dedicação exclusiva em tempo integral; ● Boa interlocução entre a gestão e órgãos de patrimônio municipal; ● Piso interno da casa preservado; ● A limpeza dentro da casa e nos banheiros é ótima.
<p>RECURSOS HUMANOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de funcionários bilíngues; ● Ausência de setores e mão de obra adequadas para um museu, tais como: museologia, pesquisa, comunicação, administrativo, produção, guarda sala, educador; ● Número reduzido de porteiros; ● Falta de encontros de formação para funcionários da portaria, limpeza, jardinagem e zeladoria; ● Rotatividade elevada no quadro de funcionários terceirizados; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Disponibilidade da equipe para realizar atendimentos qualificados em visitas agendadas, bem como no caso de visitantes espontâneos; ● Possui recepção; ● Esforço da chefia para conseguir melhorias; ● O porte pequeno do museu facilita os comandos; ● Gestão transparente; ● Reunião periódica com equipe técnica; ● Circulares informativas sobre mudanças ocorridas no museu, tornando a comunicação mais clara; ● As equipes terceirizadas de portaria, limpeza e manutenção são em número suficiente para o bom funcionamento do museu; ● Ambiente de trabalho seguro e agradável. ● Boa organização interna, facilitando a conclusão diária das tarefas;

<p>ESPAÇO FÍSICO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Algumas portas não têm tranca ou fechadura; ● Falta de proteção em volta do espelho d'água; ● Falta de climatização nos espaços expositivos; ● Falta de estacionamento; ● Falta de almoxarifado para guarda de material de limpeza; ● Falta de reserva técnica adequada; ● Inexistência de fraldário; ● Falta de uma área de descanso, separada da área de alimentação para funcionários de horário integral; ● Refeitório pequeno, com cadeiras ruins; ● Não permite um grande público devido ao espaço reduzido; ● O espaço da piscina deveria ser readequado para um melhor aproveitamento do espaço; ● Ausência de vaga para idoso ou cadeirante; ● Necessidade de intensificar a manutenção dos jardins; ● Sala do administrativo muito quente; ● Falta ventilação na recepção; ● Falta de local adequado para guarda de bicicletas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Amplo espaço para desenvolver atividades; ● O museu possui acessibilidade parcial para cadeirantes, possuindo elevador próprio para tal; ● Acessível a todos os públicos; ● Ponto turístico, "inserido" no Conjunto Arquitetônico da Pampulha; ● Salas exclusivas para cada setor do museu; ● Boa acomodação do acervo.
<p>EQUIPAMENTO DE TRABALHO E INFRAESTRUTURA</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta e/ou número reduzido de equipamentos como computadores, impressora, máquina fotográfica, entre outros; ● Falta cadeira de rodas; ● Falta de cadeiras e mesas ergonômicas; ● Nem todas as informações e dados são processados em sistemas e programas específicos. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Guarita e recepção bem localizadas/delimitada; ● Reestruturação do museu como foco principal; ● Presteza e objetividade para resolver assuntos relacionados ao museu por parte da equipe; ● Esforço para melhora gradativa dos equipamentos de trabalho; ● Impressora colorida.
<p>SISTEMA DE SEGURANÇA E COMBATE A INCÊNDIO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de local adequado para abrigo do CFTV, que possibilite vigilância constante; ● Falta de sistema de segurança contra incêndios em toda área do museu; ● Falta do AVCB; ● Falta de sistemas automatizados para monitoramento das condições ambientais do museu (ex: alarme de incêndio); ● Mobiliário oferece grande risco de propagação de incêndio; ● Falta de câmeras em todos os ambientes do museu. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Existência de câmeras de segurança e CFTV; ● Extintores bem dispostos pelo espaço do museu.

<p>RELACIONAMENTO ENTRE EQUIPE</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Faltam comunicação e estudo dos serviços que são realizados pelas empresas terceirizadas; ● Supervisão, acompanhamento e feedback precários; ● Desorganização em relação ao material e local de trabalho, por parte de alguns funcionários; ● Faltam reuniões com todos os funcionários do Museu a fim de delimitar as devidas funções de cada um; ● Falta treinamento esporádico da equipe; ● Horários alternados por parte da equipe, o que dificulta a integração. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Possibilidade de troca de plantão entre funcionários que ocupam a mesma função; ● Trabalhar sem maiores pressões; ● Boa relação entre os funcionários de modo geral; ● Comprometimento profissional dos funcionários em avanço; ● Fácil acesso à chefia do Museu; ● Organização dos mediadores evoluindo; ● Bom ambiente para trabalhar; ● Equipes coesas dentro de si; ● Autonomia das equipes em suas respectivas áreas.
<p>SINALIZAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de sinalização para os visitantes: banheiros, bebedouros e áreas de acesso restrito; ● Falta de sinalização de extintores; ● Orientação visual interna do Museu deficitária. As placas de sinalização não são claras para o público; ● Falta de sinalização para cadeirantes; ● Falta de sinalização próximo à piscina; ● Deveria existir uma maior delimitação de acesso ao acervo em exposição; ● Falta de sinalização para deficientes visuais; ● Legendas da exposição de difícil visualização em função do material utilizado. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Orientação feita pelos mediadores ao público durante as visitas; ● Portaria e recepção sempre atentos.
<p>EVENTOS E EXPOSIÇÕES</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Ausência de local de exposição temporária; ● Exposição principal tratada como permanente; ● Falta de mudança nas exposições (troca de algum objeto, texto, etc.); ● Falta de materiais que possuam tradução para o inglês, espanhol e francês; ● Ausência de investimentos para plataformas digitais que possibilitem acesso virtual às coleções; ● Pouca interatividade - escassez nas atividades fora do espaço de exposição; ● Falta de eventos para falar sobre a inclusão social; ● Os eventos realizados por terceiros devem ser mais organizados, com um acompanhamento melhor por parte da equipe do museu. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Possibilidades de oficinas educativas com a utilização dos jardins do Museu; ● Recente abertura para a exploração de aspectos da cultura imaterial e da história cultural no museu, indo além de uma perspectiva que foca exclusivamente no espaço físico e na "história oficial". ● O planejamento dos eventos é detalhado e realizado de acordo com os objetivos do Museu; ● Promoção de debates, encontros e conhecimento sobre sua atividade fim.

<p>DIVERSOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de transporte público adequado; • Pouco recurso financeiro para a gestão do equipamento; • Falta de pontos de internet para todos os funcionários e no Anexo; • Não possui projeto de acessibilidade global; • Não possui espaço para uma loja; • A curta vida útil das esteiras do jardim; • Falta de marketing em redes sociais para além do Facebook; • Deveria ter café disponível para os funcionários; • Poucas visitas guiadas no horário de funcionamento do museu; • Presença de mediador disponível para o público espontâneo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Material informativo bom; • Formulário online para agendamento; • O Museu está localizado na Pampulha, lugar privilegiado por ter uma natureza e paisagem exuberantes, atrativo para turistas e visitantes; • Pampulha tem o título Patrimônio Cultural da Humanidade; • Visitação gratuita; • Disponibiliza visitas mediadas gratuitas; • Atende grande demanda de visitação de grupos escolares e turísticos; • Desenvolve publicações e material educativo com distribuição gratuita; • Oferece oficinas de férias gratuitas para crianç�as e famílias. • Possibilidade de divulgação do museu nos meios de transporte da região; • Reputa�o positiva com o público escolar e visitantes frequentes;; • Distribuição de mudas das plantas dos jardins com a participa�o de toda equipe.
------------------------	---	---

	AUXILIA	PREJUDICA
<p>ORGANIZA�O (análise interna)</p>	<p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acervo • Equipe engajada • Espaço arquitetônico • Localiza�o • Existência de elevador para melhor acesso do visitante com deficiência e mobilidade reduzida 	<p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Número de funcionários • Sinaliza�o • Ausência de Regimento Interno • Estado de conserva�o de acervo de modo geral, está regular • Inexistência de software para gerenciamento do acervo
<p>AMBIENTE EXTERNO (análise externa)</p>	<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Museu dispõe de lei de cria�o • Possibilidade de parcerias externas • Estar localizado no Conjunto Moderno da Pampulha, reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudanç�a de governo/direc�o

4. PROGRAMAS

Os programas do Museu Casa Kubitschek pretendem fornecer uma visão global dos objetivos a serem empreendidos nos próximos quatro anos. Sua organização corresponde à estrutura indicada pelo Estatuto Brasileiro de Museus (Presidência da República do Brasil, 2009) e reiterada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2016). Dessa forma, não há correspondência direta entre os programas e a estrutura administrativa do MCK, mas a organização proposta contribui para sejam traçadas diretrizes para todas as áreas do museu.

4.1. Programa Institucional

Com base nos dados levantados no diagnóstico desta instituição, cabe à gestão do Museu buscar soluções para as questões apontadas, junto à estrutura da Fundação Municipal de Cultura e Prefeitura de Belo Horizonte, objetivando sempre o aperfeiçoamento do trabalho de maneira processual. Deve-se ter como premissas a integração das medidas a serem adotadas com a missão e valores do Museu, assegurando sua identidade e a contemplação de todos os programas indicados. Deve-se observar ainda a conformidade das ações propostas com as exigências dos órgãos reguladores das políticas culturais nacionais e internacionais.

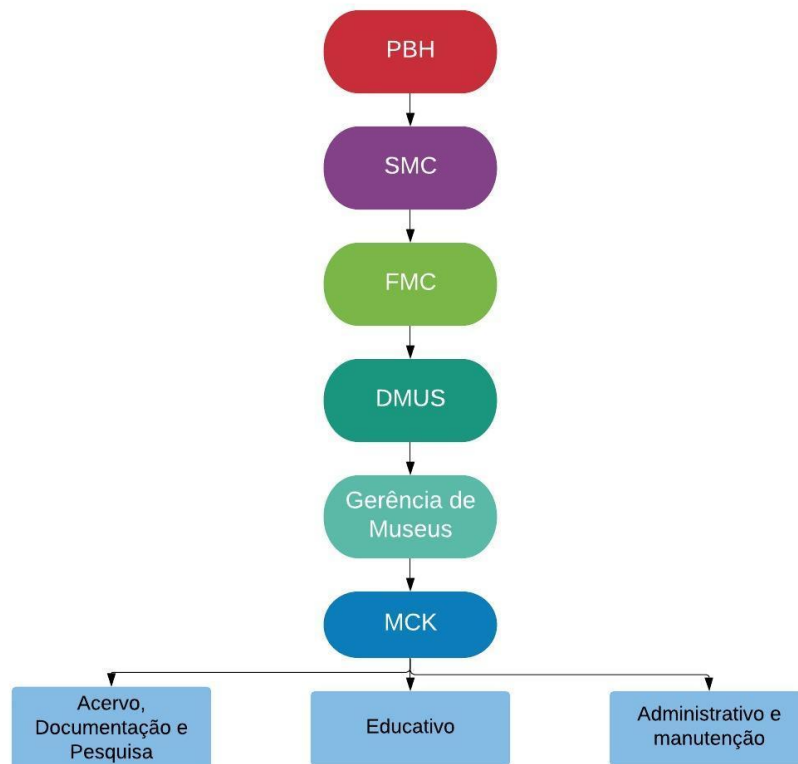
O programa institucional do MCK para os próximos quatro anos tem como diretrizes:

- Elaborar e implantar o Regimento Interno;
- Implantar política de acervo e constituir Comissão Permanente desta política;
- Atuar no Termo de Colaboração do Pampulha Território Museus, junto à OSC selecionada no chamamento público FMC (009/2019) e em outras que porventura forem firmados, com vistas ao cumprimento das metas estabelecidas e consequente sucesso da parceria;
- Atuar de forma integrada com o Museu de Arte da Pampulha e a Casa do Baile;
- Participar dos sistemas municipal, estadual e nacional de museus;
- Construir e fortalecer parcerias;
- Implantar o Projeto de Prevenção e Combate a Incêndio;
- Promover a gestão dos documentos administrativos e daqueles produzidos no próprio museu, que constituem sua memória institucional;

- Elaborar projeto para atualização dos equipamentos e mobiliário das áreas de trabalho administrativas e técnicas;
- Executar projeto de mobiliário para a Reserva Técnica;
- Ampliar o quadro de funcionários;
- Monitorar e avaliar periodicamente o Plano Museológico.

4.1.1. Organograma

O Museu Casa Kubitschek é um dos cinco museus municipais subordinados à Diretoria de Museus da Fundação Municipal de Cultura. Atualmente⁵ sua estrutura interna se divide em três áreas técnico-administrativas: acervo, documentação e pesquisa; educativo; administrativo e manutenção. Essas áreas referem-se a uma organização informal da instituição, tendo em vista que o organograma institucional da FMC não abrange as funções administrativas e técnicas das unidades culturais a ela vinculadas.



⁵ Dados referentes à dezembro/2020.

4.1.2. Normativas

Com vistas ao bom funcionamento do museu e atenção às especificidades das instituições museológicas, o Museu Casa Kubitschek possui normas que orientam sua equipe e regras para o uso de seus espaços:

- Normas de visitação ([anexo 3](#))
- Orientações para fotografia e filmagem ([anexo 4](#))
- Regras para realização de piquenique ([anexo 5](#))
- Manual para Portaria e Vigilância ([anexo 6](#))
- Orientação para a limpeza e zeladoria (em desenvolvimento)

4.2. Programa de Gestão de pessoas

Esse programa busca um melhor funcionamento da instituição, em consonância com sua missão e objetivos, tendo em vista os aspectos funcionais e motivacionais dos seus funcionários, de modo a aprimorar as condições de trabalho.

O MCK não dispõe de um quadro adequado de profissionais, sobretudo em relação às atividades meio. Para que todas as áreas museológicas possam ser implantadas, faz-se necessária a ampliação do quadro de funcionários atuantes no museu.

Atualmente⁶ o Museu Casa Kubitschek conta com o quadro de funcionários, a saber:

FUNCIÓNÁRIO	QTDE	CARGA HORÁRIA	MÉTODO DE CONTRATAÇÃO
Coordenação do Museu	01	40h / semanais	Efetivo PBH/FMC
Técnica em Patrimônio Cultural	01	40h / semanais	Efetivo PBH/FMC
Estagiários do Setor Educativo	04	20h / semanais	Estagiário PBH/FMC
Encarregada	01	44h / semanais	Terceirizado (PLANEJAR)
Recepcionista	01	40h / semanais	Terceirizado (PLANEJAR)
Limpeza	02	44h / semanais	01 Terceirizado (PLANEJAR)
			01 Terceirizado (MGS)

⁶ Dados referentes à setembro/2020.

Porteiro (diurnos e noturnos)	06	12 / 36h	Terceirizado (MGS)
Zelador (cedido temporariamente pelo MAP)	01	44h / semanais	Terceirizado (PLANEJAR)
TOTAL DE FUNCIONÁRIOS	17		

Considerando um quadro técnico mínimo, seria necessário adicionar à equipe existente a atuação de um museólogo, um pesquisador e um educador.

Para o pleno funcionamento do museu é fundamental a presença de um profissional da museologia, que além de conferir rigor aos procedimentos referentes ao acervo, contribuirá para que as atividades da instituição se realizem de forma orgânica e coerente.

Visto que o volume de acervo do museu ainda é pequeno, sua conservação preventiva poderá ser realizada pelo profissional de museologia e as demandas de restauro encaminhadas para o quadro técnico da FMC, contratação de terceiros ou estabelecimento de parcerias.

Para que as pesquisas se desenvolvam de forma efetiva e sejam capazes de subsidiar as atividades referentes ao processamento do acervo, às exposições e às ações educativas, faz-se necessária também a incorporação de um pesquisador à equipe técnica.

O Educativo do MCK é composto por quatro estagiários, que são supervisionados pela coordenação geral do museu. Para a devida orientação do estágio e desenvolvimento de ações educativas qualificadas, é necessária a presença de um profissional da área da Educação Museal para coordenação do Educativo.

A ampliação do número de estagiários também apresenta-se como demanda importante da área de acervo, documentação e pesquisa, que atualmente não conta com estagiários.

Já a área administrativa necessita de um assistente administrativo, de um zelador, de um jardineiro e de dois guarda-salas.

Para os próximos quatro anos, o Programa de Gestão de Pessoas prevê as ações abaixo relacionadas:

- Ampliação do quadro de funcionários atuantes no museu, para composição das áreas técnica e administrativa.
- Ampliação do quadro de estagiários.

- Fortalecimento das parcerias com as universidades para oferta de estágio curricular e trabalho voluntário.
- Incentivo ao aperfeiçoamento profissional, por meio da participação em cursos e seminários e da promoção de grupos de estudos internos.
- Capacitação e sensibilização da equipe para a importância da gestão de documentos com vistas à preservação da memória institucional.
- Treinamento das equipes de portaria, recepção e manutenção segundo as necessidades do Museu.

4.3. Programa de Acervos

O acervo museológico do Museu Casa Kubitschek conta atualmente com aproximadamente 600 itens. Em 2019, teve início a elaboração da documentação museológica deste acervo, que até então encontrava-se apenas arrolado. Estima-se que até o final de 2021, todo o acervo do museu esteja devidamente documentado. Este é um procedimento essencial dentro dos museus. Ao produzir esta documentação – textual e iconográfica – a instituição cria um sistema de recuperação de informações capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa (CÂNDIDO, 2002). Visando garantir a salvaguarda e comunicação do acervo institucional, o MCK deve comprometer-se com o constante aprofundamento das pesquisas, a atualização sistemática do banco de dados e a implementação de uma plataforma digital de gestão e publicação de acervos.

O acervo do Museu Casa Kubitschek é dividido em oito tipologias:

Tipologia	Situação	Quantidade
Arquitetônico - referente às edificações do MCK	Não arrolado e não inventariado	Ainda não foi quantificado
Tridimensional - referente ao mobiliário e demais objetos (uso pessoal, utensílios, indumentárias, uso doméstico, decoração, luminárias, dentre outros)	Arrolado e inventariado	264 itens
Artístico - referentes às obras de arte integradas e outras	Arrolado	2 itens

Fotográfico - referente às fotografias históricas	Arrolado e inventariado	61 itens
Publicações - referente aos jornais, revistas e livros	Arrolado e inventariado	44 itens
Fonográfico - referente aos discos de vinil	Não arrolado e não inventariado	aprox. 100 itens
Textual - referente à documentos textuais históricos de várias naturezas (cartas, cartões postais, dentre outros);	Arrolado e inventariado	9 itens
Paisagístico - referente às plantas e espécies dos jardins.	Arrolado e inventariado	88 itens

A maior parte do acervo mobiliário compõe a exposição "Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar". Inaugurada em 2013, essa exposição ocupa todos os cômodos da casa e a previsão para sua desmontagem é janeiro de 2021. O restante do acervo está guardado na Sala de Guarda, no prédio anexo.

A conservação preventiva do acervo do MCK é um grande desafio a ser enfrentado neste programa. Ela abrange todas as medidas que devem ser tomadas para se aumentar a vida útil do objeto ou retardar seu envelhecimento. O devido acompanhamento, higienização e acondicionamento dos acervos, são procedimentos fundamentais que precisarão de investimentos.

4.3.1. Sala de Guarda

A Sala de Guarda está localizada no anexo do Museu e possui aproximadamente 45,5m² com um pé direito de 3m. Atualmente abriga também parte do acervo bibliográfico do MAP. Não existe uma separação física definitiva entre esses dois espaços, sendo feita apenas com arranjo de estantes de aço.

Ela não possui climatização e sua iluminação é realizada por lâmpadas fluorescentes de 100 watts ou 150 watts, não havendo controle de lumens. Possui extintores portáteis que são vistoriados, recarregados e trocados periodicamente.

A Sala de Guarda não é equipada com sistema de segurança. Somente os funcionários

autorizados têm acesso à ela. Visitas técnicas, equipe de manutenção, ou prestadores de serviço que necessitem entrar, são acompanhados por membro da equipe técnica do Museu. A limpeza é feita uma vez por semana, com supervisão da equipe técnica.

Através desta sala tem-se acesso à caixa d'água do sistema de irrigação e ao telhado do prédio anexo, situação inadequada para um espaço de guarda de acervo.

Além do acervo do MCK, desde novembro/2017, esta sala abriga também 13 réplicas de esculturas gregas, em gesso, oriundas do Museu da Acrópole de Atenas. Estas peças são remanescentes da exposição "Atenas e sua Acrópole" realizada na Casa do Baile em 2014. Elas foram adquiridas pela Associação Cultural dos Amigos do Museu de Arte da Pampulha (AMAP), por meio de convênio firmado com a Fundação Municipal de Cultura (FMC). A doação das peças à FMC, por parte da AMAP, ocorreu em março de 2015.

Com a desmontagem da exposição "Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar", grande parte do acervo mobiliário será recolhido na Sala de Guarda e essas esculturas gregas representarão um problema, pois a área da Sala não é grande e seu espaço é suficiente apenas para o acondicionamento do acervo referente ao Museu Casa Kubitschek.

Para a preservação adequada do acervo do MCK foi elaborada uma proposta de mobiliário para equipar a Sala de Guarda, buscando soluções para o armazenamento de todo acervo museológico do MCK, de acordo com o espaço e o orçamento disponíveis atualmente. Essa proposta é composta por um conjunto de onze prateleiras e cinco plataformas, em aço inoxidável, com acabamento em pintura eletrostática, além de duas mini plataformas já existentes. Até o final de 2020 o museu tenta implementar parte dessa proposta.

Pretende-se para o Programa de Acervos:

- Implantar política de acervo em consonância com a missão e os objetivos do MCK e as normas da Fundação Municipal de Cultura;
- Constituir Comissão Permanente de Política de Acervo;
- Executar projeto de mobiliário para a Reserva Técnica;
- Elaborar e executar projeto de climatização da Reserva Técnica;
- Adquirir equipamentos e mobiliários para o CEDOC (computador, arquivo, estantes, máquina fotográfica, etc);
- Concluir inventário dos acervos;

- Definir, junto à DMUS e FMC, plataforma para catalogação e divulgação dos acervos institucionais;
- Elaborar plano de conservação preventiva para o acervo.

4.4. Programa de Pesquisa

Implantar um trabalho de pesquisa dentro das instituições museológicas significa superar a concepção de museus como templo de conservação de acervos e assumi-los como instituições geradoras de conhecimento e cultura.

Até o momento, as pesquisas desenvolvidas pelo MCK foram bastante pontuais, buscando elucidar pontos obscuros na história da casa e de seu paisagismo, além de subsidiar ações educativas. Faz-se necessária a ampliação do corpo técnico do museu para que pesquisas consistentes possam ser realizadas pela instituição.

Três vertentes de pesquisa devem estar no horizonte do MCK: a pesquisa sobre o acervo musealizado; a pesquisa referente à temática do museu e a pesquisa de público.

4.4.1. Pesquisa sobre o acervo musealizado

Preservar os bens culturais significa sobretudo conhecê-los. Nesta perspectiva, é imprescindível a produção de uma base de informações sobre o acervo: identificação, classificação, descrição e levantamento histórico sobre os objetos. Na primeira etapa faz-se a decodificação imediata dos objetos. Na segunda, realiza-se estudos sobre aspectos e contextos relacionados aos objetos. Trata-se de introduzir o objeto no mundo, buscando compreender o seu significado em determinada sociedade.

Inserir-se nesta vertente de pesquisa, o estudo sobre a própria casa que abriga o museu e constitui a peça número um do seu acervo. Ainda que citada em algumas publicações sobre a arquitetura de Niemeyer e estudada pelas equipes responsáveis pelos tombamentos federal, estadual e municipal, a história da casa ainda permanece com lacunas que demandam investigação mais aprofundada.

4.4.2. Pesquisa referente à temática do museu

Além da pesquisa sobre o próprio acervo, o museu deve investir em pesquisas que possam fundamentar sua política de aquisição e subsidiar as exposições e as ações educativas, ampliando suas perspectivas de atuação.

Constituem-se eixos temáticos que devem ser percorridos pelo Museu Casa Kubitschek:

4.4.2.1. Modos de morar:

A edificação que abriga o museu, somada ao acervo mobiliário da instituição expressam aspectos do modo de morar modernista e contribuem para o conhecimento de um tipo de moradia implementada nos anos de 1940 a 1970, assim como para o entendimento da Pampulha como um bairro de recreio da elite belorizontina, conforme idealizado pelos prefeitos Otacílio Negrão de Lima e Juscelino Kubitschek.

Cabe ao MCK, no entanto, ampliar suas reflexões e colocar o morar modernista em diálogo com outras formas de moradia. Esta é a grande contribuição do museu: gerar experiências sensíveis e reflexivas sobre os modos de morar. Esta vertente de estudo possibilitará que públicos diversos se reconheçam nas exposições do museu; que reflitam sobre a questão da habitação; que ativem suas memórias afetivas. Trata-se de trazer para o debate aspectos do cotidiano e problematizações contemporâneas, em especial, acerca da moradia em Belo Horizonte.

Encontra-se na história da própria Regional Pampulha rico material para reflexões sobre as formas de morar: as casas rurais do período anterior à formação da represa; as casas campestres construídas de acordo com o decreto de 1939; os bairros populares como o Confisco e o assentamento Dandara, uma das ocupações mais antigas da capital.

A temática Modos de Morar apresenta-se como oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas inéditas sobre a capital mineira. Representa também possibilidade de expor estudos realizados por pesquisadores externos e por outras instituições, a exemplo da Diretoria de Patrimônio da Fundação Municipal de Cultura, que já realizou diversos inventários e reúne ampla pesquisa e documentação referente ao tombamento de residências.

4.4.2.2. História da ocupação e desenvolvimento da região da Pampulha:

Poucos são os estudos que se dedicaram a pesquisar a região da Pampulha antes da edificação do Conjunto Moderno. A origem do Arraial de Santo Antônio da Pampulha; suas transformações; a desapropriação das terras para a construção da represa; o rompimento da barragem em 1954 são questões pouco tratadas pela historiografia. Além dessas, o estudo sobre outros aspectos referentes à regional Pampulha, poderá apresentá-la como uma Pampulha múltipla, que se constitui para além da monumentalidade de seu conjunto arquitetônico, com características urbanísticas e sociais muito diferenciadas.

A Regional Pampulha é uma região administrativa extensa – possui 43 bairros e 17 vilas. Em seu interior, encontra-se uma infinidade de identidades, realidades e temporalidades.

Em 2013, quando da inauguração do museu, foi instalada na garagem da casa a exposição “Pampulha: Território da Modernidade”. Seu argumento principal consistiu em identificar, dentre as muitas Pampulhas existentes, aquelas fundamentais para a compreensão da história da região: Pampulha Velha, fundada a partir de um aglomerado de fazendas em meados do século XIX e Pampulha Nova, criada na década de 1940, no entorno do lago.

Muito bem recebida pelos membros da UNESCO, esta exposição foi considerada essencial para contextualizar a Pampulha. Na Matriz de Responsabilidades concebida para o Conjunto Moderno, definiu-se que caberia ao Museu Casa Kubitschek manter um espaço dedicado à história da Pampulha. (Dossiê Conjunto Moderno da Pampulha - Dossiê de Candidatura, p.341)

Sabe-se que os estudos referentes à dita Pampulha Velha são incipientes e o aprofundamento desta pesquisa deve ser explorado pelo museu. Quanto à Pampulha Nova, muito já se publicou sobre as obras de Oscar Niemeyer elaboradas para o Conjunto Moderno, mas inúmeras questões ainda necessitam de investigações, a exemplo dos projetos que não foram executados: hotel, campo de golf, lar dos meninos e parque Veredas. (LANA, 2009)

Outro aspecto que ainda não recebeu o devido aprofundamento refere-se ao paisagismo executado por Burle Marx. Alguns projetos originais permanecem desaparecidos e os projetos de restauro não foram devidamente analisados.

4.4.2.3. Paisagem Cultural:

Em 2016, o Conjunto Moderno da Pampulha foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, na categoria paisagem cultural, o que trouxe novos desafios para os equipamentos culturais da Pampulha, que além de comunicar os edifícios e o pioneirismo de sua arquitetura, se viram provocados a desenvolver pesquisas e ações educativas referentes à Paisagem Cultural da Pampulha.

A categoria Paisagem Cultural foi criada pela UNESCO em 1992 com o objetivo de colocar em evidência a relação de imbricação entre natureza e cultura. No Brasil, foi em 2009 que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criou a chancela da paisagem cultural definida como uma “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

Ainda hoje, o termo paisagem cultural é bastante discutido e questionado, mas não há dúvidas de que ele apresenta um significativo avanço para as políticas de patrimônio. Ao colocar em evidência a ligação intrínseca entre a natureza e a cultura, a categoria paisagem cultural nos convida a investigar relações exitosas entre o homem e o meio natural.

Nesta perspectiva, o Museu Casa Kubitschek deverá manter-se atento ao território do qual faz parte e investir na produção de conhecimento sobre as diversas camadas que compõem a Paisagem da Pampulha.

4.4.2.4. Movimento Modernista:

O contexto cultural, artístico, político, econômico, social e tecnológico da época constitui-se elemento imprescindível para o entendimento do Movimento Modernista e de seus desdobramentos na arquitetura e no design. Avanços nas técnicas construtivas, metropolização das cidades, evolução dos meios de comunicação, fortalecimento da publicidade, dentre outros, são determinantes para a constituição da moradia moderna.

Todas estas questões devem ser investigadas pelo museu, não só no sentido de reconhecer a importância do movimento, mas de problematizá-lo e perceber suas incoerências. As contradições e tensões do Modernismo não devem ser apagadas, mas representar novas possibilidades de abordagem das temáticas tratadas pelo museu.

Nesta perspectiva, vale citar o trabalho do arquiteto Fernando Luiz Lara, para quem a excepcionalidade da arquitetura moderna brasileira reside na sua disseminação e penetração, que atinge as casas populares. O próprio autor assume que sua obra é polêmica, mas necessária no processo de descolonização da historiografia brasileira (LARA, 2018). Essa e outras referências devem ser estudadas e problematizadas à luz da missão do museu.

4.4.2.5. Projeto modernizador de Juscelino Kubitschek na Prefeitura de Belo Horizonte (1940-1945):

Interessa-nos nesta vertente de investigação refletir sobre a gestão administrativa de JK à frente do poder municipal de Belo Horizonte entre 1940 e 1945, período no qual a Pampulha moderna foi planejada e edificada. Propõe-se compreender a Pampulha dentro de um amplo plano de modernização da cidade, alinhado ao ideário de progresso implementado pelo Estado Novo e refletir sobre a atuação política de Juscelino prefeito, administrador público, com ideias marcantes para o urbanismo e a conformação social da época.

A criação do complexo da Pampulha é um marco na trajetória de Belo Horizonte e não se trata de um evento isolado. No quinquênio 1940/1950 a cidade se transforma material e culturalmente. Dá-se a abertura das avenidas radiais, o calçamento de ruas, a construção de novos bairros, ampliação do serviço de saneamento, criação dos restaurantes populares, do Hospital Municipal, criação do Instituto de Belas Artes, realização da Exposição de Arte

Moderna, enfim, uma série de ações ancoradas no discurso de modernidade e progresso incorporado por Juscelino Kubitschek.

4.4.3. Pesquisa de público

A pesquisa de público representa um importante instrumento de gestão e contribui para que o museu qualifique sua atuação junto à comunidade. Ela deverá subsidiar a tomada de decisões institucionais, o planejamento e os ajustes nas ações.

Seu objetivo não consiste somente em contabilizar e traçar o perfil do visitante, mas a partir dos dados coletados e tratados, conhecer seu público para melhor atendê-lo e também identificar aqueles que não frequentam o museu, com vistas a atraí-lo.

A pesquisa deverá, ainda, ser capaz de avaliar a experiência do público com a exposição e com as outras ações do museu, buscando compreender seu interesse pela temática abordada, suas concepções sobre o tema, a compreensão dos conteúdos tratados, a satisfação com a proposta do museu, sua expectativa ao realizar a visita ou participar da atividade, dentre outras questões.

Até o momento, o MCK não realizou pesquisas de público, fazendo apenas a quantificação de seus visitantes.

Os números contabilizados são os seguintes:

Ano	Público
2020	5.436
2019	26.466
2018	26.295
2017	35.408
2016	24.555
2015	10.726
2014	10.588
2013 (set, out, nov, dez)	2.473

Vale ressaltar que a partir de agosto de 2016 o museu passou por reformulações e uma das medidas tomadas foi a alteração na forma de contagem do público, que passou a ser realizada com um contador manual, em substituição ao livro de assinaturas. Este método imprimiu maior rigor na contagem e um significativo aumento de público foi registrado. Certamente outras causas influenciaram nesses dados, como por exemplo, o título de Patrimônio da Humanidade concedido pela UNESCO à Pampulha. É notável a intensificação da procura, principalmente por turistas.

4.5. Programa de Exposições

Os museus atuam em três importantes áreas: preservação, pesquisa e comunicação. Elas dão sustentação aos museus e se inter-relacionam. Quando uma dessas dimensões se realiza, as outras também são acionadas, compondo um movimento mais amplo. O Programa de Exposições está inserido na área de comunicação, mas não se realiza sem a preservação e a pesquisa. São as ações de comunicação que promovem o acesso ao patrimônio museológico - exposições, projetos educativos, publicações, programação cultural.

A maior parte do público estabelece vínculo com o museu por meio das exposições e elas representam a principal forma de difusão do acervo. Desta forma, é imprescindível que as exposições estejam alinhadas à missão e aos objetivos institucionais, devendo o trabalho curatorial contar com a participação dos diversos segmentos do museu, desde a sua concepção.

“As exposições são concebidas com vistas à experiência do público. Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual), associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais” (CURY, 2006: 42).

Neste momento, em abril de 2021, o Museu Casa Kubitschek prepara uma nova exposição - “Outras Habitabilidades”- fruto da parceria com o Instituto Periférico, que ocupará todos os ambientes da casa, à exceção da garagem. Desde a sua inauguração, em setembro de 2013, até janeiro de 2021, o MCK manteve em cartaz duas exposições: “Pampulha: território da

Modernidade”, instalada na antiga garagem e “Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar”, montada no interior da casa.

“Pampulha: território da Modernidade” teve curadoria da pesquisadora Luana Maia e procura contextualizar as várias “Pampulhas” no tempo e no espaço, destacando a chamada Pampulha Velha, povoada em fins do século XIX, e a Pampulha Nova, criada na década de 1940, caracterizada pelo conjunto arquitetônico modernista.

A exposição foi instalada na antiga garagem do imóvel, que teve todas as paredes cobertas com painéis e o piso revestido por um tablado. Concebida como exposição temporária, a mostra está em cartaz desde a inauguração do MCK, em 2013.

A exposição “Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar” apresentou os móveis que compõem o acervo do museu, dispostos de acordo com a ambientação encontrada quando a casa era habitada pela família Guerra. Com curadoria de Denise Bahia e Mariana Brandão, essa mostra apresentou uma narrativa de dois eixos que se interpenetravam: um referente à história e outro que remete à memória. O percurso partiu de uma cronologia que contextualizava o ambiente político e cultural em que surgiu o modernismo. História e memória seguiam referenciadas em todo o percurso expositivo entre móveis, fotografias, vídeos e instalações alusivas à época. Referências à memória de Juscelino Kubitschek e da família Guerra também integravam a proposta curatorial.

Por meio deste planejamento estratégico, propõe-se que o MCK passe a trabalhar com três linhas de exposições: longa duração; temporária; edificação e jardins.

4.5.1. Exposição de longa duração

A exposição de longa duração deve ocupar o interior da casa e poderá manter-se em cartaz por um período aproximado de cinco anos. Sua temática e abordagens devem corroborar para o fortalecimento do conceito e da vocação do museu. A proposta curatorial e o projeto expográfico não podem perder de vista o longo período previsto para a exposição e não devem também anular a arquitetura da casa, pois a edificação constitui um elemento fundamental para o museu.

Devido ao longo período expositivo é imprescindível elaborar um plano para manutenção da exposição, no qual haja a previsão de reparos dos equipamentos, ajustes no conteúdo, correções na expografia, reimpressão de material gráfico etc. Deve-se prever também a

realização de ações ativadoras da exposição, que provoquem novos olhares e maiores aprofundamentos em alguns elementos da mostra.

4.5.2. Exposição temporária

As exposições temporárias constituem um importante recurso de comunicação do Museu e, no MCK, deverão ocupar a garagem da casa. Com duração flexível, poderão apresentar temas correlatos à exposição de longa duração, explorar novos temas e pesquisas realizadas pelo museu ou abrigar exposições de outras instituições parceiras, sempre de acordo com a missão e objetivos institucionais.

Outra possibilidade a ser construída dentro da linha “exposição temporária” é a utilização da parede externa do anexo do museu. Com extensão de aproximadamente seis metros, esta área poderá receber plotagens de fotos, mapas, projetos arquitetônicos, linhas do tempo, enfim, pequenos ensaios curatoriais que promovam a aproximação do público com temáticas referentes à história da Pampulha.

4.5.3. Edificação e jardins

A edificação e os jardins do museu encontram-se em exposição permanente e, como todo acervo em exposição, poderão receber elementos expográficos. Parte significativa do público que visita o museu está interessada em conhecer a casa projetada por Oscar Niemeyer e os jardins de Roberto Burle Marx. Caberá ao museu disponibilizar recursos que facilitem e estimulem o visitante a fruir a edificação e seus jardins: legendas interpretativas, folhetos, material educativo, publicações, mediação humana etc.

Em especial a piscina da casa necessita de sinalização interpretativa. Por motivo de segurança, ela foi transformada em espelho d'água e o público apresenta grande dificuldade em entender esta intervenção. A piscina do MCK representa um elemento importante no projeto da casa de campo e é testemunho do momento em que a natação se afirma na capital. Segundo relatos da família Guerra, essa piscina fora a primeira piscina residencial de Belo Horizonte.

4.6. Programa Educativo e Cultural

A Educação Museal configura-se como um dos pilares de sustentação das instituições museais. Ela teve seu papel fortalecido e ampliado a partir da década de 1970, quando a função social dos museus foi reconhecida. Historicamente a Educação Museal vem se constituindo como campo de conhecimento, pesquisa, trabalho e ação.

Em 2017, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) publicou a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), fruto da interlocução de educadores de museus de todo país. O estabelecimento da PNEM legitima e reforça a dimensão educativa dos museus, contribuindo para o fortalecimento da área e o entendimento de suas especificidades.

A Educação Museal envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o patrimônio musealizado, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos objetos musealizados; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. (COSTA et all. , 2018, p.73-74)

O Programa Educativo do Museu Casa Kubitschek encontra-se alinhado às proposições da Educação Museal e está em consonância com a PNEM. Ele contempla vários projetos que buscam promover um encontro significativo entre o público e os diversos elementos da cultura, de forma que a fruição do museu seja capaz de gerar aprendizagens cognitivas, sociais e sensíveis, contribuindo para a formação integral dos sujeitos.

As estratégias de mediação adotadas devem se fundamentar em interações dialógicas, afastando-se dos princípios da transmissão de conhecimento. Por meio de métodos de interpretação deve-se motivar os usuários do museu a construir sentidos para o patrimônio.

Desde a sua inauguração, o MCK contou com um Setor Educativo muito atuante, recebendo, por diversos períodos, recursos para a contratação de educadores responsáveis pela coordenação dos estagiários. A partir de 2017, a contratação de educadores foi interrompida e a coordenação dos estagiários passou a acontecer de forma precária. Ainda assim, diversos projetos continuam a se desenvolver de maneira criteriosa, com qualidade e boa receptividade:

Visitas mediadas ao Museu: estas visitas acontecem mediante agendamento prévio e podem explorar os jardins, a casa, o mobiliário e a história da Pampulha, de acordo com o interesse dos participantes.

Visitas mediadas aos jardins: nestas visitas, os participantes percorrem os jardins do museu, explorando suas características estéticas, históricas e botânicas. As visitas mediadas aos jardins acontecem no último sábado do mês, às 10h, e não é necessário agendamento prévio.

Grupo Bordando Memórias: trata-se de um grupo de bordadeiras, coordenado pelo Museu Casa Kubitschek, que se reúne mensalmente para produzir bordados com temáticas relacionadas ao acervo da instituição e ao Patrimônio Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. A cada ano, um tema é escolhido e as participantes são convidadas a conversar, investigar e bordar aquela temática.

EJA na Casa: este projeto consiste no atendimento aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Semanalmente, o Museu Casa Kubitschek recebe turmas de EJA para visitas noturnas, adotando metodologias adequadas a este grupo etário, com vistas a democratizar o acesso à instituição.

Caminhada na Orla: O percurso entre o Museu Casa Kubitschek e a Igreja de São Francisco proporciona uma agradável caminhada na orla, que é acompanhada pelos educadores do MCK. Nesta atividade, os mediadores estimulam os participantes a realizarem a leitura da paisagem, capturando as histórias contidas nas edificações, nas praças, nas ruas, na vegetação, enfim, nos elementos que compõem aquela paisagem. Trata-se de uma atividade previamente agendada.

Distribuição de mudas: ao visitar o MCK, o público tem a oportunidade de levar para casa uma muda de seu jardim. As mudas são confeccionadas a partir do próprio jardim do museu e são disponibilizadas em caixotes espalhados na área externa da instituição, aos finais de semana. Nas mudas constam algumas informações básicas sobre cada espécie, tais como nome popular, nome científico e forma de plantio e cultivo.

Em dezembro de 2019, o Museu Casa Kubitschek foi contemplado com o Prêmio Darcy Ribeiro, uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) que tem por objetivo a seleção e premiação de 10 (dez) práticas inovadoras de Educação Museal.

O MCK apresentou o projeto “O Jardim e o Museu”, que visa ao desenvolvimento de pesquisas e ações educativas voltadas para a apropriação e valorização dos jardins históricos, estimulando o público a reconhecer os jardins como patrimônio.

São diretrizes do Programa Educativo e Cultural do Museu Casa Kubitschek:

- Conceber e desenvolver ações educativas alinhadas à missão e objetivos do museu;
- Garantir que as atividades educativas se fundamentem em práticas dialógicas;
- Orientar-se de acordo com das perspectivas da Pedagogia Crítica;
- Investir na universalidade do acesso, no respeito e valorização da diversidade cultural;
- Atuar no entorno do museu, de forma a incentivar a participação da comunidade local nas ações da instituição.

Orientado por esses pressupostos, o Programa Educativo Cultural deve desenvolver as seguintes linhas de atuação:

- Atendimento ao público espontâneo;
- Atendimento a grupos agendados;
- Programação cultural destinada a um público diversificado;
- Atividades direcionadas à comunidade do entorno do museu;
- Seminários e palestras com temáticas referentes ao museu e ao território Pampulha;
- Formações destinadas a educadores;
- Formações internas para os educadores do museu;
- Formações para os funcionários (portaria, recepção, limpeza e jardinagem);
- Produção de material educativo.

Além dos projetos já apresentados, o Museu Casa Kubitschek desenvolve ações educativas integradas com o Museu de Arte da Pampulha e com a Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design. Denominado “Ao Redor” este programa tem a paisagem da Pampulha como objeto central de investigação e difusão.

Embora cada Educativo tenha uma conformação própria, pautada e voltada para a realidade dos seus objetos específicos de mediação, encontram ressonâncias, espelhamentos e similaridades. Suas práticas educativas, realizadas de forma pontual ou em conjunto, de forma integrada, têm o território Pampulha como lugar de atuação. Esse território é visto sob as perspectivas geográficas, culturais, sociais, históricas, urbanas, numa multiplicidade de Pampulhas. O conceito norteador de AO REDOR é, portanto, a territorialidade, entendida como as construções moldadas a

partir das relações sociais formatadas espacialmente. (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA, 2020)

4.7. Programa Arquitetônico-urbanístico

O imóvel que abriga o Museu Casa Kubitschek é tombado nas três esferas de patrimônio nacional (municipal, estadual e federal), estando também situado na zona de proteção do Conjunto Moderno da Pampulha, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Sendo assim, além de atender satisfatoriamente ao público, a manutenção da edificação deve estar em consonância com os parâmetros de preservação dos patrimônios arquitetônico, artístico e paisagístico.

A conservação preventiva em edifícios históricos é o ponto de partida nas políticas de preservação do patrimônio, contrapondo-se à restauração desses bens. Ela é entendida como o conjunto de medidas e ações voltadas para evitar e minimizar a deterioração futura e a perda da edificação.

Ao longo dos sete anos de funcionamento do Museu Casa Kubitschek foram feitas diversas manutenções pontuais de modo a sanar problemas imediatos. Não houve, no entanto, um planejamento de vistoria e conservação de modo a minimizar a ação de agentes deteriorantes.

Trataremos do espaço físico do Museu dividindo-o em quatro partes: jardins, guarita, casa, e Anexo.

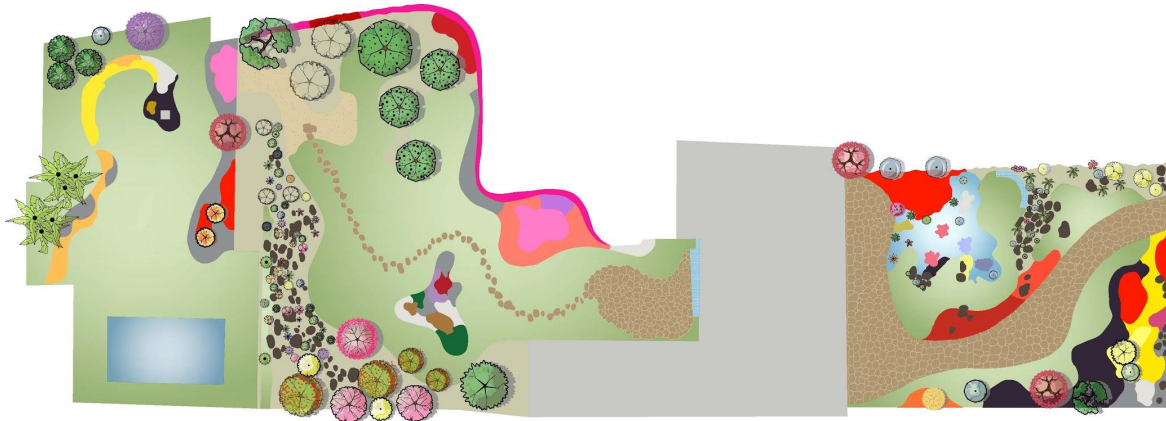
Jardins

Os jardins do Museu Casa Kubitschek foram restaurados pela empresa EPO por meio da medida compensatória nº135/2010 do CDPCM-BH, entre 2012 e 2016. Esse projeto teve como consultor o arquiteto paisagista Ricardo Lana.

Projetados por Roberto Burle Marx, os jardins foram descaracterizados ao longo dos anos e quando a casa foi adquirida pela Prefeitura, eles estavam tomados por densa vegetação. Durante o restauro foram suprimidas diversas plantas e refeitos os canteiros, principalmente devido ao manejo, mau estado fitossanitário e obstrução de visadas.

Durante o restauro foram suprimidas diversas plantas e refeitos os canteiros, principalmente devido ao manejo, mau estado fitossanitário e obstrução de visadas.

Atualmente, os jardins contam com 88 espécies. Em 2016, o Museu iniciou o estudo de seu acervo botânico, inventariando e ilustrando todas as espécies do jardim. Em 2018, esta pesquisa foi publicada no formato de um catálogo ilustrado, que encontra-se disponível para consulta e download na Biblioteca Virtual da Fundação Municipal de Cultura.



Estudo de cores baseado no projeto de ajardinamento J36 de Roberto Burle Marx em colaboração com o Dr. Henrique L. de Mello Barreto para a residência do Dr. Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte. Por Ana Karina Bernardes e Paula Salles 2019 / 2020.

Considerações

De acordo com a medida compensatória acima citada, a manutenção dos jardins estaria sob responsabilidade da EPO até 2017. Alguns acordos foram feitos e este prazo estendeu-se até julho de 2019. De julho de 2019 a junho de 2020, a empresa forneceu a mão de obra, mas a coordenação técnica dos trabalhos de jardinagem, a reposição de mudas e a manutenção hidráulica e elétrica do sistema de irrigação passaram para a PBH.

Seis jardineiros da Sudecap foram designados para atuar nos jardins da Pampulha e desenvolver um viveiro de mudas. Este trabalho está sendo coordenado pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica (FPMZB), sob a responsabilidade da paisagista Laura Mourão.

Os jardins da Igreja de São Francisco de Assis, do Museu de Arte da Pampulha e da Casa do Baile foram priorizados. Até o momento, em outubro de 2020, os jardins do MCK

receberam apenas uma manutenção pontual. O problema maior encontra-se na reposição de mudas.

Quando da restauração dos jardins, a piscina da casa foi reformada e transformada em um jardim aquático. Seu fundo foi elevado para criar um ambiente com 40cm de profundidade. Contudo, não foi projetado um sistema de bombeamento e/ou filtragem, o que prejudica sua conservação e aparência. Em março de 2020 a laje de fundo deste jardim rompeu, provocando a perda da água e das plantas. Em outubro/novembro de 2020, a laje foi reconstruída sem a instalação de um sistema de filtragem.

Quanto ao calçamento dos caminhos do jardim, eles apresentam diversas falhas, colocando em risco a segurança do visitante.

Guarita

Construída no restauro realizado pela empresa Biapó, entre os anos de 2008 a 2010, esse espaço é destinado ao abrigo de um porteiro ou um vigilante diurno/noturno, dividido entre sala e lavabo.

Considerações

A posição da guarita não permite a visão de quem está entrando no museu pelo portão de pedestres.

Casa

A atribuição dos cômodos da casa, na atual exposição - “Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar”-, segue quase que completamente a ambientação adotada por D. Juracy Guerra:

1º Pavimento:

- Garagem

2º Pavimento:

- Varanda
- Sala de jantar (na planta de 1948 sala de estar)
- Sala de estar (na planta de 1948 biblioteca)

- Sala de jogos (na planta de 1948 sala de jantar)
- Elevador (na planta de 1948 rouparia)
- Hall (na planta de 1948 copa)
- Banheiro adaptado para cadeirantes (na planta de 1948 banheiro)
- Corredor
- Cozinha (na planta de 1948 área de serviço e cozinha)

Ainda compõe esse pavimento a atual área administrativa do Museu:

- Hall (na planta de 1948 banheiros)
- Banheiros (na planta de 1948 depósito)
- Cozinha (na planta de 1948 parte dos banheiros)
- Copa (na planta de 1948 quarto)
- Administração (na planta de 1948, o cômodo de divide em quarto e copa, sendo esta utilizada pela D. Juracy como lavanderia)

3º Pavimento:

- Escritório (na planta de 1948 Sala de música)
- Elevador (na planta de 1948 rouparia)
- Corredor
- Suíte 1
- Copinha/farmacinha
- Suíte 2 (com varanda e saída para jardins posteriores)
- Suíte 3 (com saída para jardins posteriores pelo banheiro)

Considerações

A casa apresenta pontos de infiltração crônicos. A parede externa da Sala de Jogos apresenta infiltração ascendente devido a má impermeabilização de sua fundação.

O teto da varanda e parte do teto da Sala de Estar e de Jantar também apresentam infiltrações. Presume-se que o problema nesses locais seja decorrente do baixo diâmetro das calhas do telhado, que entopem constantemente. Apesar da grade de proteção existente, as folhas das árvores provocam a obstrução.. Para minimizar esse problema,

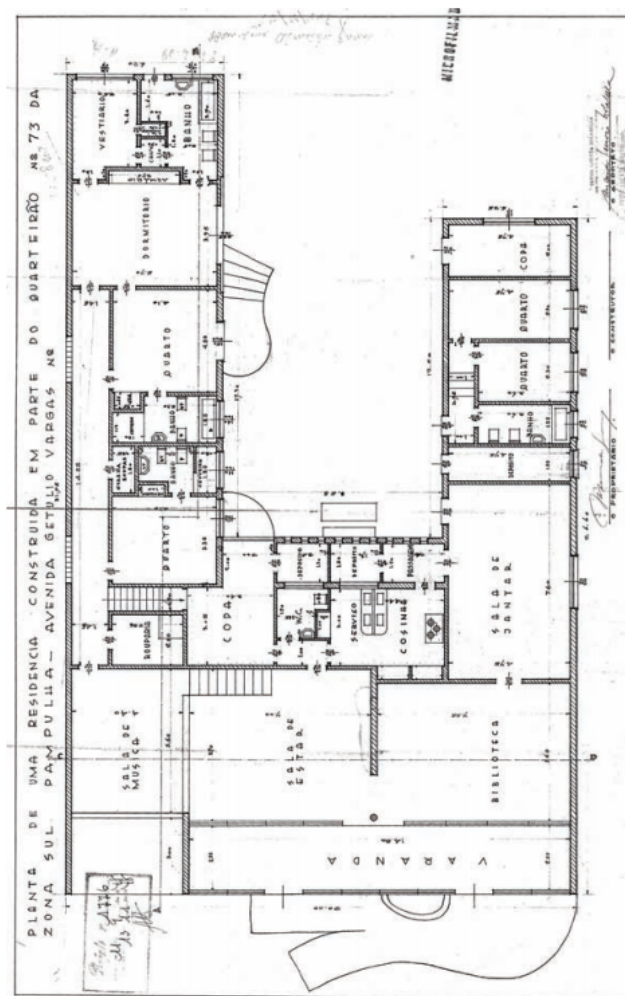
faz-se a limpeza quinzenal das calhas.

As janelas de madeira não apresentam vedação adequada, fazendo com que a água da chuva afete os batentes e as paredes. As esquadrias de madeira estão bastante comprometidas e as esquadrias de alumínio estão emperradas.

A expografia da exposição “Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar” instalou seis painéis diretamente nas paredes. Quando da desmontagem da exposição, em janeiro de 2021, foram identificados pontos de infiltração e mofo em todas essas paredes.

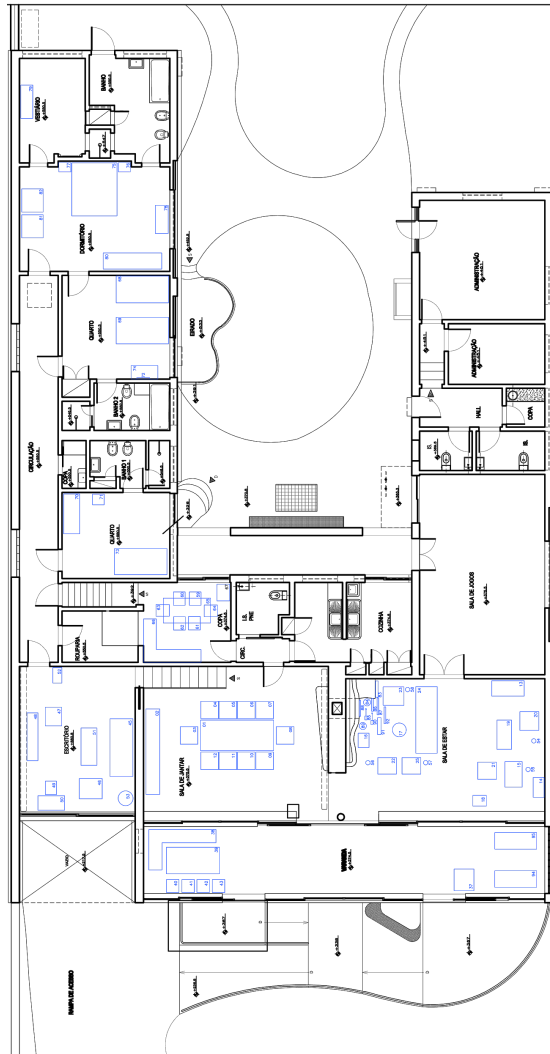
Os tacos da sala administrativa apresentam pontos de infiltração e de desgaste, tendo sido trocados alguns em 2016.

Planta de 1948:



IEPHA/MG, 2014, p.220

Planta de 2006:



Estudo de mobiliário realizado pelo MAP em 2012 sobre o Anteprojeto de restauro, DIPC/FMC.

Anexo

Este espaço, inaugurado em 11 de maio de 2016, foi construído na área que anteriormente abrigava uma construção secundária, provavelmente um barracão de apoio para os serviços de manutenção da residência. Devido ao avançado grau de deterioração em que se encontrava, essa construção foi demolida e deu lugar ao novo prédio.

Esse espaço está dividido e ocupado da seguinte forma: sala de guarda (futura reserva técnica); sala multiuso, que atualmente abriga o Centro de Documentação e Pesquisa do Museu de Arte da Pampulha (CEDOC/MAP); escritório, ocupado pelo Setor de Patrimônio Cultural e Centro de Documentação do Museu Casa Kubitschek (CEDOC/MCK); antigo

vestiário da piscina, que teve sua fachada restaurada e foi reformado internamente para abrigar um café, mas que atualmente é ocupado pelo Setor Educativo e pelo Almojarifado.

Considerações

Apesar de recente, essa construção apresenta pontos de rachadura tanto na sua parte externa, quanto na interna.

O piso da sala de guarda, sala multiuso e escritório não foi rejuntado, o que prejudica a limpeza do espaço. Trata-se de um piso muito poroso, necessitando de manutenção adequada. Este piso apresenta vários pontos de trinca e desnível.

De uma maneira geral, os serviços de reparo na infraestrutura do museu são realizados pela Superintendência de Desenvolvimento da Capital (SUDECAP), no entanto, ela não fornece todos os materiais para a realização da manutenção, a exemplo de tintas, e seus funcionários não são capacitados para trabalhar com a infraestrutura tombada.

A manutenção do elevador, do ar condicionado e a desinfestação de pragas urbanas (cupins, baratas, formigas, ratos e traças) são realizadas mensalmente por empresas terceirizadas pela Fundação Municipal de Cultura.

Passados sete anos desde a conclusão das obras para a inauguração do Museu Casa Kubitschek, sua edificação e jardins apresentam diversos problemas. O uso diário da edificação aliado a fatores como o sol e a chuva desgastaram o imóvel. Recomenda-se que as ações de conservação deixem de ser pontuais e passem a se constituir em um processo constante de preservação, de modo a diminuir as causas de deterioração e reduzir a vulnerabilidade e conseqüente necessidade de restauração.

Desta forma, constitui elemento central do Programa Arquitetônico do MCK a elaboração, juntamente com a Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público, de um projeto de conservação preventiva para a casa e os jardins.

Alguns danos, no entanto, já se instalaram e necessitam de correção imediata:

- Calçamento externo: a calçada portuguesa está com diversas falhas comprometendo a segurança do visitante.
- Iluminação do jardim: grande parte das luminárias não funcionam.
- Jardins: estão sem manutenção adequada e reposição de mudas desde agosto 2019.

- Esquadrias: as esquadrias de alumínio estão emperradas e as esquadrias de madeira estão muito comprometidas.
- Pintura das paredes externas e muros: sem manutenção.

Além de redimir as patologias existentes, deve-se buscar a regularização predial (AVCB) e desenvolver estudos para a otimização dos espaços com vistas à criação de área para acolhimento do público e realização de cursos, oficinas e pequenas palestras.

4.8. Programa de Financiamento e Fomento

Os recursos financeiros do MCK advêm da dotação orçamentária anual da Fundação Municipal de Cultura. Esta fonte orçamentária regular é responsável pelo custeio do museu, particularmente no que se refere aos recursos humanos, infraestrutura, manutenção, segurança, limpeza e insumos, além de recursos destinados à manutenção das atividades básicas de preservação do acervo e à realização de atividades educativas e culturais.

Para o tratamento adequado de seu acervo, conservação da edificação e jardins e realização de uma programação educativo cultural sistemática e de qualidade, é necessária a ampliação de recursos e diversificação de fontes de financiamento.

Submissões a editais de agências de fomento e inscrição em leis de incentivo também são desejáveis, cabendo ao museu elaborar os projetos e à Fundação Municipal de Cultura apresentá-los. Nos casos dos projetos que tem a FMC como proponente serem selecionados, a execução orçamentária fica submetida à normas para licitações e contratos da Administração Pública, tornando o processo bastante complexo.

Em 2019, juntamente com o Museu de Arte da Pampulha e da Casa do Baile, o MCK participou de um Chamamento Público (nº009/2019) para celebração de termo de colaboração com uma Organização da Sociedade Civil para realização de exposições, educativos, publicações e programações culturais nos equipamentos museais da Pampulha. A OSC selecionada foi o Instituto Periférico. Por meio da parceria com o Instituto Periférico, poderão ser apresentados projetos em leis de incentivo e captação de recursos, ampliando as chances de financiamento via editais de fomento à cultura.

A parceria com o Instituto Periférico deve também imprimir celeridade e efetividade à execução do orçamento destinado ao MCK nos anos 2019/2020, com execução prevista

para dezembro de 2019 a dezembro de 2021. São metas da parceria, a realização de 3 exposições, 20 atividades culturais, 48 atividades educativas, 10 projetos de design e 3 publicações. Vale salientar que várias das atividades planejadas para execução em 2020 não puderam se realizar devido ao fechamento do museu em decorrência da pandemia causada pelo Coronavírus, ficando adiadas para o ano de 2021.

4.9. Programa de Comunicação

Na Fundação Municipal de Cultura, a comunicação de todos os equipamentos é centralizada na sua Assessoria de Comunicação, que se responsabiliza pela assessoria de imprensa, mas não tem estrutura adequada para divulgar com eficiência todos os serviços culturais ofertados pelos museus, de maneira a atender princípios da comunicação museológica.

Dois canais oficiais – Portal da PBH e Facebook de cada equipamento – cumprem a missão de fornecer informações sobre os museus e estabelecer um relacionamento mínimo com o público. Sabe-se que estes dois canais são insuficientes e faz-se necessária a adoção de outras práticas de comunicação que fortaleçam o MCK na cidade.

As ações de comunicação institucional devem expandir a marca do MCK; fazê-lo conhecido pelos moradores de Belo Horizonte e turistas; aumentar o número de frequentadores; qualificar o relacionamento entre a instituição e o público e promover o acesso a seu acervo e pesquisas.

A partir da celebração do termo de colaboração com o Instituto Periférico, assinado em dezembro de 2019, espera-se que o MCK alcance maior visibilidade. As ações previstas no Plano de Comunicação proposto pela OSC visam a divulgação da programação cultural, das atividades educativas e das exposições objeto da parceria – Projeto Pampulha Território Museus. Ainda que a comunicação institucional do museu não esteja a cargo da OSC, a divulgação das ações pertinentes à parceria, contribuirá para o fortalecimento e difusão da imagem do museu.

Ações capitaneadas pela BELOTUR também podem beneficiar o museu, a exemplo do [tour virtual](#) desenvolvido e disponibilizado pela empresa em maio de 2020.

O uso de plataformas de comunicação tecnológica para difusão do acervo e das pesquisas institucionais também tem sido considerado pela Diretoria de Museus da FMC, que está estudando junto aos técnicos responsáveis pelos acervos a plataforma Tainacan –

ferramenta para inventário, catalogação e difusão de acervos museológicos na internet. Essa interface amplia a ação do museu junto ao público, facilitando o acesso de pesquisadores e demais interessados.

Comprometido com a missão e os objetivos do museu, o Plano de Comunicação do MCK deve contemplar:

- Revisão da logomarca do museu;
- Elaboração de folder em inglês e espanhol;
- Ampliação da inserção nas mídias sociais;
- Produção de conteúdos de divulgação do acervo;
- Elaboração e divulgação de materiais educativos;
- Implementação de rotinas de envio de informações das atividades para a ASCOM;
- Revisão do mailing da instituição, criando grupos com perfis específicos;
- Planejamento e implantação de projeto editorial.

4.10. Programa Socioambiental

O Programa Socioambiental do MCK deve incorporar os valores sustentáveis em todos os processos da instituição. Deve buscar tanto a revisão das instalações do museu com vistas à eficiência na utilização dos recursos naturais como a adoção de comportamentos sustentáveis nas suas ações cotidianas.

As seguintes diretrizes devem orientar o Programa Socioambiental do MCK:

- **Uso racional da água:** promover melhorias estruturais nos prédios; realizar correções e manutenção periódica na rede hidráulica, em especial no sistema de irrigação e estimular os funcionários a realizar um consumo de água mais consciente em sua rotina e nas tarefas que desenvolve.
- **Eficiência energética e uso racional da energia:** realizar revisão na rede elétrica; implementar medidas para maior eficiência energética a exemplo da adoção da iluminação em LED, além de revisar o posicionamento e tipo de luminárias das áreas internas e externas do museu; manter em dia a manutenção dos equipamentos elétricos; promover a redução do consumo de energia por meio da conscientização dos funcionários.

- **Otimização do uso de papel:** adotar medidas para reduzir o consumo, a exemplo da implantação de sistemas eletrônicos, assinaturas e protocolos digitais e sensibilizar as equipes para evitar as impressões, realizar a impressão frente e verso e reaproveitar as folhas para rascunho.
- **Gestão de resíduos:** a implementação do sistema de gestão diz respeito principalmente à forma de coleta, armazenamento e destinação dos resíduos. Na região na qual o museu está situado não há coleta seletiva, o que dificulta a correta destinação dos resíduos coletados. A partir de 2017, os copos plásticos descartáveis passaram a ser utilizados para o plantio e distribuição de mudas. Ainda que o consumo de copos descartáveis devesse ser evitado, ainda não conseguimos uma solução para a disponibilização de água para os visitantes, visto que os bebedouros fornecidos pela PBH exigem a utilização de copos. Em 2018 teve início a separação de papel, que fica armazenado no museu e periodicamente é recolhido pela coordenação, que se dispõe a levá-lo até pontos de coleta na cidade.
- **Articulação entre ações de Educação Ambiental e Patrimonial:** um dos principais projetos do museu é o “O Jardim e o Museu”, responsável pela realização de diversas ações mediadoras que estimulam o público a refletir sobre as questões ambientais. Este projeto deve ser ampliado, buscando alcançar novos públicos e diversificar suas atividades.

4.11. Programa de Acessibilidade

A acessibilidade a todas as pessoas é um dos objetivos do MCK e deve ser uma busca constante da instituição. O MCK é um museu público e gratuito que conta com algumas adaptações arquitetônicas para receber públicos com deficiências físicas e mobilidade reduzida, mas inúmeras barreiras ainda necessitam ser ultrapassadas para tornar-se um equipamento cultural acessível a todos os perfis de público.

Quando da adaptação da casa para abrigar o museu, foi instalado, dentro da edificação, um elevador que possibilita o acesso à pessoas com deficiência motora e/ou com mobilidade reduzida. Duas instalações sanitárias também foram adaptadas para cadeirantes.

Identifica-se, entretanto, a falta de profissionais com formação específica, como intérprete em LIBRAS; legendas em braille e audioguias; piso podotátil; entre tantos outros recursos, produtos e serviços necessários.

Entendemos que pensar a acessibilidade vai muito além de promover o acesso físico aos bens culturais. Quando se fala em acessibilidade não devemos desvincular da questão social, cognitiva, mental, intelectual, atitudinal além da questão física dos ambientes. Nessa perspectiva, podemos dizer que acessibilidade é a capacidade de proporcionar a todos igual oportunidade de uso, situação ainda não alcançada pelo MCK.

Até o momento, o museu realizou algumas atividades pontuais que buscaram atender a públicos com necessidades especiais. Essas ações foram isoladas e não se configuram como um projeto de acessibilidade. São propostas incipientes e que não apresentam dados concretos para sua avaliação. A instituição chegou a confeccionar uma maquete tátil, mas ela também não está inserida em um projeto maior.

Outro ponto importante a ser considerado é a acessibilidade da informação. Hoje, boa parte do material de divulgação (peças gráficas de evento, material do professor, etc.) e ferramentas de agendamento (formulários), avaliação, etc. são realizados via internet. Mesmo o material impresso - em geral, proveniente da ASCOM, não contempla todas as pessoas, especialmente aquelas que não possuem acesso à internet, pessoas com baixa visão e/ou cegas. Vale registrar também que as legendas e textos das exposições não atendem a públicos diversos.

Questões relacionadas à mobilidade também podem configurar-se como barreiras para acesso ao MCK. A região é servida por uma única linha de ônibus: MOVE 5106, que opera em horários escassos nos finais de semana e feriados. O museu está situado na orla da Lagoa da Pampulha, que é constantemente interditada para a realização de corridas, dificultando o acesso dos visitantes. Além disto, esta avenida é estreita, sem local adequado para embarque e desembarque de passageiros (recuo, passarela elevada, etc.), sem estacionamento e/ou bicicletários e possui sinalização precária.

Segundo a pesquisadora Viviane Panelli Sarraf, a partir da segunda metade do século XX, dá-se a ampliação do público consumidor de cultura, que não mais se restringe ao indivíduo adulto, com alto nível intelectual, locomoção e percepção integral. Surge um novo público interessado em cultura com faixas etárias distintas, perfis socioculturais diversos, deficiências e necessidades diferentes. Diante dessa diversidade, a área cultural se vê provocada a se repensar, de forma a promover a inclusão de todos. De acordo com SARRAF,

“para que as instituições culturais sejam universalmente acessíveis, elas devem oferecer a todos os visitantes pleno acesso aos seus espaços e conteúdos, independentemente das condições sociais, sensoriais, cognitivas

ou físicas dessas pessoas.”(2018, p.26)

Nesta perspectiva, as ações de acessibilidade promovidas pelo museu devem se voltar ao público com deficiência física, visual, auditiva, intelectual ou múltipla, e também pautar-se pela inclusão social, assegurando o acesso de todos aos equipamentos culturais.

O Programa de Acessibilidade do MCK deve envolver os arquitetos, os curadores, os educadores, os técnicos, os funcionários e a direção do museu na busca pela superação das barreiras físicas, comunicacionais, atitudinais, sensoriais e socioculturais que impeçam o pleno acesso à instituição.

Para os próximos quatro anos pretende-se:

- Elaborar um plano de acessibilidade;
- Estabelecer parcerias com instituições especializadas nas diversas áreas de acessibilidade;
- Investir em recursos, produtos e serviços direcionados à acessibilidade do Museu;
- Promover o aprimoramento da equipe do Museu, de forma a incorporar a acessibilidade aos projetos do museu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Micheli Martins. *Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museu: classificação e conservação*. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Humanas, UFPEL, 2015.
- ALMEIDA, Marcos Leite. *As Casas de Oscar Niemeyer: 1935-1955*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 2005.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. [S.l.: s.n.], 1995.
- CÂNDIDO, Maria Inês. *Documentação Museológica*. Cadernos de Diretrizes Museológicas I. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura: Superintendência de Museus, 2002. p. 29-88.
- CARVALHO, Ana Cristina. *Museus-Casas Históricas no Brasil*. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.
- COSTA et. All. Educação Museal. In: IBRAM. *Caderno da Política Nacional da Educação Museal*. Brasília: IBRAM, 2018. P. 73-77.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.
- FERREIRA, Luana Maia. *As várias Pampulhas, no tempo e no espaço (1900-1950)*. In: PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (Org.). *Pampulha Múltipla: uma região da cidade na leitura do Museu Histórico Abílio Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007. p. 45-73.
- FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. *Ao Redor: ações educativas integradas no território Pampulha*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura – FMC, 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Subsídios para elaboração de planos museológicos*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, 2016. 112 p: il.
- INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. *Guia dos Bens Tombados*. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico De Minas Gerais, v.2, 2014.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). *Conjunto Moderno da Pampulha: dossiê de candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha para inclusão na lista do patrimônio mundial da UNESCO*. Brasília: IPHAN, 2017.
- JULIÃO, Letícia. *Pesquisa histórica no museu*. Cadernos de Diretrizes Museológicas I. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura: Superintendência de Museus: Associação de Amigos do Museu Mineiro, 2002. p. 89-101.

_____, Letícia. *Museu de Congonhas: Plano Museológico*, 2016. (mimeo)

LANA, Ricardo Samuel de. *Arquitetos da paisagem - década de 1940: memoráveis jardins - Roberto Burle Marx e Henrique Lahmeyer de Mello Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2009.

LARA, Fernando Luiz. *Excepcionalidade do modernismo brasileiro*. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

MACEDO, Danilo Matoso. *Da matéria à invenção: as obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais, 1938 – 1955*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.2, jan/dez. 1994. p.9-42.

MINAS GERAIS. SECRETARIA DE CULTURA. *Caderno de diretrizes museológicas, 1*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2002. 148 p.

PAPADAKI, Stamo. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold Publishing, 1950.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo (Org.). *Pampulha Múltipla: uma região da cidade na leitura do Museu Histórico Abílio Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007.

PONTE, António M. Torres da. *Casas-Museu em Portugal: Teorias e Prática*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2006, 338p.

SARRAF, Viviane Panelli. *Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência – benefícios para todos*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação. São Paulo: SESC, nº6, 2018, p.23-43.

TOMBAMENTOS

CDPCM/BH. Processo nº 01.118070.99.04. Deliberação nº 106/2003, publicada no DOM de 21 de outubro de 2003.

IEPHA/MG. CONEP nº 011/2008, processo de complementação do Dossiê de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Decreto nº 23.646, de 26 de junho de 1984.

IPHAN. Processo nº 1341-T-94 de 07 de dezembro de 1994.

LEIS, NORMAS E DECRETOS

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*, artigo 215 e 216. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: Abril 2020.

_____. *Decreto-Lei nº 25*, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: Abril 2020.

_____. *Decreto nº 8.124*, de 17 de out. 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. Brasil, jan. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm>. Acesso em: Abril 2020.

_____. *Lei nº. 11.904*, de 14 de jan. de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasil, jan. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: Abril 2020.

_____. *Portaria nº 422*, 30 de novembro de 2017. Dispõe sobre a PNEM e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/Portaria-422-2017-PNEM.pdf>>. Acesso em: Abril 2020.

IBRAM. *Instrução Normativa nº 3*, de 25 de maio de 2018. Estabelece os procedimentos técnicos e administrativos para a elaboração dos Planos Museológicos pelos museus administrados pelo Instituto Brasileiro de Museus- Ibram. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Instru%C3%A7%C3%A3o-Nor-mativa-N%C2%BA-3.pdf>>. Acesso em: Abril 2020.

ANEXOS

ANEXO 1**Quadro descritivo das áreas e estado de conservação das edificações****ÁREAS**

GUARITA		
Espaço	Área (m²)	Área total
1. Sala	3,15m ²	6,05m ²
2. Banheiro	2,90m ²	

CASA		
1° PAVIMENTO		
Espaço	Área (m²)	Área total
1. Garagem	88, 50m ²	88,50m ²
2° PAVIMENTO		
Espaço	Área (m²)	Área total
1. Varanda	41,00m ²	181,70m ²
2. Sala de jantar originalmente sala de estar	37,90m ²	
3. Sala de estar originalmente biblioteca	39,00m ²	
4. Sala de jogos originalmente sala de jantar	35,50m ²	
5. Hall originalmente copa	10,00m ²	
6. Banheiro adaptado para cadeirantes originalmente banheiro	3,45m ²	
7. Corredor	1,70m ²	
8. Cozinha originalmente área de serviço e cozinha	13,15m ²	
Área administrativa		
Espaço	Área (m²)	Área total
9. Hall	3,95m ²	42,85m ²

originalmente banheiros		
10. Banheiro 1 originalmente depósito	4,00m ²	
11. Banheiro 1 originalmente depósito	2,75m ²	
12. Copa originalmente parte dos banheiros	2,70m ²	
13. Sala do hack originalmente quarto	8,30m ²	
14. Administração originalmente separado em quarto e copa, sendo este utilizado pela Sra. Juracy como lavanderia	21,15m ²	

3º PAVIMENTO

Espaço	Área (m²)	Área total
1. Sala de música usada pela Sra. Juracy Guerra como escritório	23,80m ²	147,35m ²
2. Corredor	21,10m ²	
3. Suíte 1	20,35m ²	
3.1 Quarto	13,05m ²	
3.2 Banheiro	7,30m ²	
4. Copinha/farmacinha	16,20m ²	
5. Suíte 2	22,10m ²	
5.1 Quarto	15,80m ²	
5.2 Banheiro	6,30m ²	
6. Suíte 3	43,80m ²	
6.1 Quarto	22,80m ²	
6.2 Banheiro	11,60m ²	
6.3 Closet	9,40m ²	

Anexo

Espaço	Área (m²)	Área total
1. Educativo	75,40m ²	238,10m ²
1.1 Varanda	38,25m ²	
1.2 Área interna	37,15m ²	
2. Banheiro masculino	5,65m ²	

3. Banheiro acessível	3,20m ²	
4. Banheiro feminino	6,30m ²	
5. Sala de guarda	68m ²	
6. Área da caixa d` água	8,95m ²	
7. Corredor	1,40m ²	
8. Sala multiuso	43,00m ²	
9. Escritório	26,2m ²	
9.1 Sala	21,15m ²	
9.2 Banheiro	5,05m ²	

DESCRIÇÃO DE MATERIAIS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

COBERTURA		
Tipo	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Telha de fibrocimento sobre laje	Bom	Refeito conforme telha de amianto original
2. Tubos de ferro de sustentação da marquise	Bom	Mantidos o original
3. Telha de fibrocimento sobre laje guarita	Bom	Novo
4. Telha de fibrocimento sobre laje Anexo e antigo vestiário	Bom	Refeito conforme telha de amianto origina
6. Tubos de ferros de sustentação da laje da varanda	Bom	Novo
REVESTIMENTO EXTERNO		
Piso	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Pedras portuguesas entremeando por lajes de quartzito	Ruim / péssimo	Mantido o original, recomposto nas partes faltantes
2. Lajotas de cerâmica vermelha 18x35cm e 12x24cm Varanda café	Bom	Mantido o original, recomposto nas partes faltantes
3. Pedras de canga Escada do jardim de canga	Bom	Mantido o original
Parede	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Pintura	Ruim	refeita utilizando a cor branco conforme original e com tinta específica (Ibratin) devido a grande quantidade de infiltração

		ascendente
2. Pastilhas cerâmicas branco e amarelo 2x2cm Entrada garagem	Bom	Mantido o original, recomposto nas partes faltantes (originalmente todo revestimento externo era apenas com pintura, no entanto essa mudança foi executada pela Sra. Juracy Guerra e autorizada por Oscar Niemeyer)
3. Granito Kinawa Entrada e guarita	Bom	Novo
Elementos	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Pastilhas cerâmicas azul 2x2cm Bancos jardins	Bom / ruim	Mantido o original, recomposto nas partes faltantes
2. Cobogó cerâmico amarelo	Bom	Mantido o original
3. Trelça de metal Anexo	Ruim	Novo, apresenta início de ferrugens nas juntas
4. Guarda-corpo de ferro Rampa varanda frontal, varanda posterior do segundo quarto, escada de descida para garagem	Bom	Mantido o original
5. Azulejos brancos Piscina	Bom	Reformada para virar um espelho d'água as bordas de azulejo foram mantidas originais
REVESTIMENTO INTERNO		
Piso	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Taco de peroba Salas, quartos, corredores 9x27cm	Bom	Mantido o original (a Sra. Juracy Guerra havia revestido com carpete, que foi retirado na restauração)
2. taco de peroba área administrativa 7x21cm	Ruim	Apresenta vários pontos de soltura e desgaste, principalmente nas áreas próximas às mesas de trabalho e mesa da copa dos funcionários
3. Peroba do campo Escada	Bom	Mantido o original (a Sra. Juracy Guerra havia revestido com carpete, que foi retirado na restauração)
4. Pastilhas sextavadas brancas Cozinha, banheiros suítes	Bom	Mantido o original (a Sra. Juracy Guerra havia revestido o piso da cozinha com linóleo, que foi retirado na restauração)
5. Ladrilho quadrado ocre 15x15cm Varanda da entrada	Bom	Mantido o original
6. Ladrilho hidráulico sextavado verde Garagem	Bom	Mantido o original (o piso da lavanderia da Sra. Juracy também era desse tipo, porém com outro desenho; ele foi retirado na

		restauração ao se juntar os dois ambientes para compor a sala do administrativo do Museu, revestindo-se então com taco de peroba)
7. Mármore branco Banheiros administrativo e cozinha da área administrativa	Bom	Novo, trata-se de banheiros acessíveis e para o público
8. Porcelanato Portobello cimento cinza 60x60cm bold (código E - tonalidade 49047) Antigo vestiário área interna e banheiros do Anexo	Bom	Novo
8. Cimento queimado cinza Anexo área interna	Bom	Apresenta algumas rachaduras.
9. Cimento Anexo corredor externo	Bom	Novo
Parede	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Pintura	Bom	Refeita conforme original
2. Pastilhas sextavadas Banheiros suítes, copinha/farmacinha	Bom	Mantidas o original
3. Placas de peroba do campo Varanda, Sala de Jantar	Bom	Mantidos o original
4. Pedra Lareiras	Bom	Mantido o original
Teto	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Pintura	Bom	Refeita conforme original
2. Gesso parte interna do Anexo e do antigo vestiário	Razoável	Novo, apesar de recente a construção apresentou infiltrações que ocasionaram danos ao acabamento de gesso na área do café
Esquadrias	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Madeira e vidro (janelas e portas) Casa	Ruim	Mantido o original, restauradas
2. Madeira e vidro (janelas e portas) antigo vestiário	Bom	Mantido o original, restauradas
2. Alumínio e vidro (janelas) Casa	Ruim	Mantido o original, restauradas
4. Alumínio e vidro (janelas) Guarita e Anexo	Bom	Novo, o vidro da guarita apresenta quebra e trinca
5. Tubos de ferro (gradil) Portão de entrada	Bom	Mantido o original
6. Madeira (portão e porta)	Bom	Mantido o original

Portão garagem e antigo vestiário		
7. Ferro (portas) Anexo	Bom	Novo
8. Madeira (portas) Banheiros Anexo	Bom	Novo
Elementos	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Latão Corrimão da escada da Sala de Jantar	Bom	Mantido o original
2. Mármore Amarelo de Negrals Bancadas lareiras	Bom	Mantido o original
3. Ferragens Maçanetas, puxadores, torneiras da casa (exceto os banheiros reformados)	Bom	Mantido o original
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS		
Tipo	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Rede 110v	Bom	Refeita, os lustres originais foram retirados, mantendo-se apenas as cúpulas embutidas
2. Cúpula convexa redonda Casa	Bom	Mantido o original
3. Luminárias externas azuis Casa	Bom	Mantido o original
4. Luminárias diversas	Bom	Novo, instaladas na casa conforme projeto de restauração e no Anexo conforme projeto de construção
INSTALAÇÕES HIDROSANITÁRIAS		
Local	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Lavabo guarita	Bom	Novo
2. Banheiro suíte 1	Bom	Mantido original
3. Banheiro suíte 2	Bom	Mantido original
4. Banheiro suíte 3	Bom	Mantido original, algumas louças estão mal presas
5. Copinha/farmacinha	Bom	Mantido o original
6. Banheiro visitante	Bom	Novo
7. Cozinha	Bom	Mantido original, apresenta alguns danos nas ferragens
8. Banheiros administrativo	Bom	Novo
9. Banheiros Anexo	Bom	Novo
BENS INTEGRADOS		

Tipo	Estado de conservação	Estado de preservação
1. Painel de azulejo - autoria Alfredo Volpi	Bom	Mantido o original, restaurado
2. Painel mosaico em pastilha - autoria Paulo Werneck	Bom	Mantido o original, restaurado
3. Acervo mobiliário (conforme arrolamento em anexo)	Razoável	Mantido o original, restaurado

Referência de cores para pintura:

- Sala de estar: cor areia, acab. fosco;
- Sala de jantar e escritório (mezanino): cor verde-acinzentado suvinil self color, cód. s060 acab. fosco;
- Sala de jogos: suvinil self color, cód. j127 acab. fosco;
- Quartos, circulação, garagem: cor branco neve acab. fosco;
- Copa: cor branco neve acab. acrílico acetinado.

ANEXO 2

Entrevista: Juracy Brasiliense Guerra

Entrevista realizada em 22/04/1997.

Entrevistadora: Michele Arroyo

Transcrição: Bruna Aparecida Mendes de Sá

Michele Arroyo: Primeiro eu queria que a senhora falasse o nome completo.

Dona Juracy: Meu nome? Meu nome é Juracy Brasiliense Guerra, sou daqui de Belo Horizonte mesmo.

Michele Arroyo: A senhora nasceu aqui?

Dona Juracy: Nasci aqui, morei no Rio muitos anos, depois tornei a voltar, por causa desse menino aí, que andava dando trabalho, mas tá tudo bem, graças à Deus.

Michele Arroyo: A senhora nasceu aqui em Belo Horizonte?

Dona Juracy: Nasci.

Michele Arroyo: Quantos anos que a senhora tem?

Dona Juracy: Eu tenho oitenta e, quase 88.

Michele Arroyo: Nossa! A senhora tá ótima!

Dona Juracy: Obrigada, obrigada.

Michele Arroyo: E aí, a senhora nasceu dentro de Belo Horizonte, a senhora morava...

Dona Juracy: Nasci, nasci numa casinha lá da rua Varginha, que é o prolongamento da rua Rio de Janeiro, né, lá no alto. Eu acho que a casa existe até hoje, não sei bem...

Michele Arroyo: Alí na Floresta?

Dona Juracy: Não, na Floresta não, sabe. É seguimento da rua Rio de Janeiro, lá no alto, né. Naquele tempo minha irmã era, era, estudava..., não era estudante ainda não, mas ela formou-se em Engenharia e foi a primeira engenheira de M... (?). Ela era a mais velha, ela morreu já tem alguns anos e...

Michele Arroyo: E qual era o nome dela?

Dona Juracy: Era Iracema Brasiliense. E foi uma teimosia da parte dela de continuar porque naquela época os professores da escola de engenharia não gostavam de mulher estudando, né. Ela foi a primeira, ela foi até... bem. O professor dela falou dela de... Dr. Rodolfo (?) falou com ela: "A senhora fez um belíssimo exame, mas eu vou dar um zero porque aqui não é lugar de mulher".

Michele Arroyo: Olha só, falou isso com ela?

Dona Juracy: Pra você ver.

Michele Arroyo: E ela não desistiu?

Dona Juracy: Não desistiu, tomou a bomba, pois continuou seguindo e formou-se e depois foi funcionária muito tempo na Secretaria de Viação e Obras Públicas, era uma funcionária muito boa.

Michele Arroyo: Olha só... E a senhora, casou aqui em Belo Horizonte mesmo?

Dona Juracy: Casei, casei sim. Meu marido tinha sido marido da minha irmã, ela morreu com 29 anos e deixou dois meninos, né, e passados alguns anos ele casou-se comigo. E, quando.... O Joubert e o outro que é médico, cardiologista, são os meus filhos mesmo, né. Mas eu considero os quatro, agora são três só, porque um faleceu há uns dois meses atrás, né. Esse era funcionário do Ministério da Fazenda e, aposentou-se, e foi fazer uma visita à sogra dele em Itanhaém, e lá sentiu-se mal, e teve um problema muito sério e daí faleceu logo depois. Mas, é assim, minha filha, a vida é assim.

Michele Arroyo: É, não tem jeito, né. E a senhora casou em que ano?

Dona Juracy: Eu casei em 1936, 36.

Michele Arroyo: E foi aqui em Belo Horizonte mesmo?

Dona Juracy: Fui casada 42 anos. Foi aqui em Belo Horizonte mesmo, casamento muito simples, até dentro de casa, porque meu pai estava muito doente, ele não podia acompanhar, então fizemos o casamento lá. Meu padrinho, o padrinho do meu marido foi o (?).

Michele Arroyo: Foi aí que a senhora conheceu o Juscelino?

Dona Juracy: Não, eu já conhecia antes porque o Joubert, meu marido, estudou, é, é de Diamantina também, né, estudaram juntos lá no Seminário de Diamantina, o Juscelino e Joubert, então desde essa data de menino, de meninote mesmo, negócio de 11 anos mais ou menos, eram muito amigos, uma lealdade muito grande entre eles e assim foi, tanto que quando aconteceu o acidente com o Juscelino, 11 meses depois o Joubert morreu. Ele ficou tão abalado, sentiu muito, eram muito amigos, acompanhou a vida toda, na vida política, mas ele...

Michele Arroyo: O marido da senhora também era político?

Dona Juracy: Ele foi deputado, ele foi prefeito de Diamantina, tudo pela mão do Juscelino, sabe. E o Juscelino tinha muita confiança nele, porque ele era um homem assim muito calado, o Joubert, muito ponderado, sabe, não era expansivo, nem nada não, mas o que ele falava dava certo. O temperamento dele era assim mais calado, muito humilde, muito humilde, muito simples, uma pessoa muito simples. Então ele faleceu já tá fazendo, fez agora, vai fazer agora em junho 20 anos que ele faleceu, 11 meses depois do Juscelino. E, foi uma tragédia para falar com o Joubert, que ele não tava passando bem, tinha ido deitar mais cedo, e eu fiquei na televisão quando, de repente veio aquela notícia trágica. Você nem era nascida, né?

Michele Arroyo: Eu não.

Dona Juracy: Pois é. Aquela notícia trágica que abalou a gente.

Michele Arroyo: Eu era nascida, mas eu era bem novinha, tinha 4 anos.

Dona Juracy: Quatro anos, pois é, já tá fazendo 21 anos que o Juscelino morreu.

Michele Arroyo: E aí, o Juscelino chegou a morar nessa casa?

Dona Juracy: Ele morou, a casa foi feita pra ele, né. Ele quem fez a descoberta do Niemeyer lá Rio, e trouxe pra cá, e através do Niemeyer esse conjunto arquitetônico todo da Pampulha foi feito através do Niemeyer, né. A Igreja, a Igreja foi mais tarde, mas, o late, o Cassino, que hoje é Museu, o redondo, o redondo não, a Casa do Baile, mas eu sou dessa época, eu acompanhei essas obras todas desde o alicerce.

Michele Arroyo: A senhora vinha visitar as obras?

Dona Juracy: Eu vinha muito com ele, eu não morava aqui nessa casa não. Quem morava era o Juscelino que morou aqui uns três ou quatro anos só.

Michele Arroyo: E aí a senhora vinha visitar ele aqui?

Dona Juracy: A gente vivia, havia muito contato, né, éramos muito amigos e tudo, e quando ele tava no palácio também ele telefonava pra a gente: “Ó vem pra cá, vem que vamos bater um papo aqui.” Juscelino era muito alegre, muito extrovertido, né.

Michele Arroyo: E quando a senhora vinha nessa casa aqui, a senhora já imaginava que ela ia ser sua?

Dona Juracy: Nunca! Eu não queria, não. Quando meu marido falou: ó vou comprar aquela casa. Eu falei: “ih!... não meu bem, não, vamos comprar uma casinha simples, modesta, em que a gente possa ficar assim a vontade, um fim de semana, que a gente possa chupar uva e jogar, cuspir, o caroço, né, não quero casa trabalhosa não.” Mas o destino parece que forçou de tal maneira, né, que depois do terceiro proprietário, aí o último proprietário foi A(?) Freitas Bastos pôs a casa a venda, a casa ficou um ano anunciada pra vender. Então quando Joubert resolveu comprar, até não tinha posses pra isso, foi o cunhado dele, um português muito alinhado que morava em Diamantina casado com a irmã dele, foi quem emprestou o dinheiro e o Joubert então comprou. Naquela ocasião, minha filha, o valor dessa casa foi de mil cruzeiros, mil contos, eu já não sei mais fazer conta minha filha, (?) a moeda já mudou tanto que a gente não sabe mais falar. O real ficou implantado, né, você fala com facilidade, mas os outros valores a gente não sabe se é cruzeiro novo, cruzeiro velho, se é mil réis, se é contos de réis...

Michele Arroyo: Faz uma confusão danada, né!

Dona Juracy: Comprou e a casa estava muito estragada, mas muito estragada mesmo, essas paredes todas mofadas, né, e muito mal tratada, a viúva vinha aqui constantemente, ela era casada com um senhor israelita, e vinha aqui e juntava a turma toda, ela tinha uma barca, uma lancha muito bonita que também depois ficou aqui da casa, nós compramos, o Joubert comprou junto com a casa e assim, a gente..., nunca na minha vida eu pensei em ficar aqui. Morava, até pouco tempo eu morava na minha casa lá na cidade.

Michele Arroyo: Onde a senhora morava?

Dona Juracy: Na rua Espírito Santo, ao lado da Igreja de Santo Antônio. Mas aí vinha, a gente vinha sempre passar o fim de semana, eu vinha com uma raiva danada, sabe, eu não gostava daqui de jeito nenhum.

Michele Arroyo: E quando que a senhora e o seu marido compraram a casa?

Dona Juracy: Nós compramos a casa em 1953, 53, foi na época em que o Getúlio suicidou-se. Desde esse tempo nós temos a casa. Nós morávamos no Rio então a gente vinha de vez em quando aqui, quem tomava conta era um casal de, de, de ... árabes, eles vieram fugidos do Egito, eles moravam lá, vieram fugidos e ficaram de quarentena na Ilha das Flores e, nessa ocasião, nós tínhamos um empregado aqui português mas ele não dava conta do serviço e falava muito, então meu marido telefonou para uma sobrinha dele que morava na Ilha das Flores pra vê se conseguia arranjar um casal de estrangeiros pra vir tomar conta aqui da casa. Aconteceu que estava esse casal lá, veio pra cá e eles ficaram aqui 23 anos...

Michele Arroyo: Nossa!... muito tempo...

Dona Juracy:... só saiu pra morrer, ele morreu primeiro e depois ela morreu segundo, da outra vez, mais tarde, ... 8 anos depois. Era um casal muito bom, gente muito direita,

distinta...

Michele Arroyo: E eles tomavam conta da casa pra senhora...

Dona Juracy: Tomavam conta, quando Juscelino vinha aqui, ele vinha constantemente, né, ...

Michele Arroyo: Aí, o Juscelino vinha aqui?

Dona Juracy: Vinha. Vinha, ficava aqui com a turminha dele, né...

Michele Arroyo: Ele gostava muito da casa?...

Dona Juracy: Gostava muito da casa, adorava, ...

Michele Arroyo: E por que ele mudou daqui?

Dona Juracy: Ah, o Juscelino a vida de político é uma vida muito, muito...

Michele Arroyo: Cheia de compromisso...

Dona Juracy: Cheia de compromissos, ele era um político mesmo de peso e medida, né, embora eu falasse com ele: "ô, Juscelino, que bobagem, você metido com essa política, com essa gente (?) que bobagem, deixa isso pra lá!". Ele falava: "Não, a política é uma megera que nós adoramos." E é mesmo, né. A através da política... Mas ele pouco viveu aqui, a Sara também não gostava da casa não.

Michele Arroyo: Ela não gostava não?

Dona Juracy: Não gostava da casa, porque ela era muito isolada aqui, a casa né, havia só essa casa, do Dr. Nabone (?) que mora aí do lado, e não havia mais nada, e era muito triste à noite, porque, tinha sempre um segurança aí tomando conta e ela ficava cismada com os passos dele aí pelas pedras, né.

Michele Arroyo: E ela ficava muito sozinha?

Dona Juracy: Ficava. Muito sozinha, apesar da vida social bem intensa que eles levavam, né, mas ela ficava sozinha, né, e naquela ocasião foi que nasceu a Márcia e a Márcia passava o tempo todo aqui, e eles tiveram problemas domésticos com relação às babás da menina, então, quando na ocasião foi aniversário dela, nós pretendíamos dar uma festinha pra ela, mandei arrumar a casa toda, trocar os móveis e tudo, quando ela soube a festa era aqui ela falou: ah, Juracy, não, lá na Pampulha não, não quero ir na Pampulha não, você faz a sua festa aqui; nesse tempo nós morávamos na rua,... rua Curitiba, então fizemos a festa dela lá, foi muito concorrida, ela gostou muito...

Michele Arroyo: E aí a senhora também não gostava daqui.

Dona Juracy: Não, não gostava não. Achava longe, e, meio antipático, não gostava não, casa trabalhosa, né, a gente mais sozinho, meus filhos quando pequenos gostavam muito, vinham pequenos, e tal, mas depois que cresceram um pouquinho, nenhum deles vinha, raramente vinha aqui, né, e eu passei muito pouco tempo morando na casa, só depois que meu marido morreu foi que eu transferi pra cá, tem seguramente 8 anos que eu estou morando aqui seguidos, né. Sem ir à cidade, sem nada, gosto muito, agora eu adoro essa casa.

Michele Arroyo: Agora a senhora adora ficar aqui...

Dona Juracy: Adoro. É bom, sossegado, tem muita planta, um ar muito puro, isento daquela poluição, daquela barulhada da cidade, né, agora eu gosto daqui. Também, já terminou minha missão, né, porque já eduquei meus filhos, já não tenho mais nada o que fazer...

Michele Arroyo: Então a senhora fica tranquila...

Dona Juracy: Fico tranquila, só mexendo no meu jardim, que eu gosto muito, né, cuido muito das plantas...

Michele Arroyo: Esse jardim, ele foi projetado pelo...

Dona Juracy: Foi pelo Burle.

Michele Arroyo: Foi pelo Burle Marx

Dona Juracy: Pelo Burle Marx, né, mas dele do Burle já não resta mais nada.

Michele Arroyo: É?

Dona Juracy: Apenas umas duas palmeiras, só, aquele ipê, que agora, no momento, está caindo as folhas todas.

Michele Arroyo: E a senhora foi substituindo, na medida que foi precisando...

Dona Juracy: Depois quando eu vi, que eu estava mesmo aqui sozinha, na Pampulha, sem ter mais compromisso maiores, foi que...

Michele Arroyo: Aí a senhora foi arrumando o jardim.

Dona Juracy: É fui distraído, pra mim foi uma terapia muito boa, porque você sabe, a gente... Você não sabe. A gente quando fica viúvo, é um vácuo tão grande que...

Michele Arroyo: Sente muita falta, né.

Dona Juracy: Apesar do meu marido ser assim calado e tudo, mas ele era um homem muito bom, muito compreensivo, que eu sempre tive o temperamento mais agitado, sabe, filha de pai nervoso, de mãe bravinha, né, então também assim, e, aprendi muito com ele ser mais ponderada e tal, parece que vindo pra cá eu me dei muito bem, hoje eu converso com as minhas plantas, tenho uma vida muito boa, chega no fim de semana é que ajunta, né.

Michele Arroyo: Vem todo mundo pra cá.

Dona Juracy: Vem os filhos, vem os netos, vem os bisnetos, né, então é aquela revolução. E na segunda-feira tudo entra na calma.

Michele Arroyo: E os móveis, a senhora também teve que substituir?

Dona Juracy: Não, os móveis são todos meus, né, foram todos feitos lá pelo, pelo, como é que ele chamava, Leopoldo Bloc, daquela casa que abriram, uma casa muito boa de móveis que abriram na rua da Bahia, chamava..., chamava-se..., casa..., como é que é o nome daquele cinema que tem na rua Rio de Janeiro, como que chama aquele cinema?

Michele Arroyo: Tem o Jacques...

Dona Juracy: Não, não...

Michele Arroyo: O Palladium...

Dona Juracy: Palladium, é, ele era dono da Palladium. Ele é que fez os meus móveis todos. Do Juscelino, a única coisa que ficou aqui é uma poltrona que tá lá em cima, depois eu vou mostrar você, uma poltrona que ficava lá no vestiário da piscina onde Juscelino fazia os discursos dele e lia muito, era lá em cima, né.

Michele Arroyo: E aí sobrou a poltrona.

Dona Juracy: Sobrou só a poltrona.

Michele Arroyo: E esses móveis que tem na casa hoje foi da época que a senhora comprou a casa.

Dona Juracy: É aos pouquinhos a gente foi mudando, foi trocando alguma coisa.

Michele Arroyo: E qual é o lugar que a senhora mais gosta da casa?

Dona Juracy: Da casa? É lá fora, no jardim. Lá debaixo do pé de lichia, é que eu mais gosto.

Michele Arroyo: É o lugar que a senhora mais fica?

Dona Juracy: Eu gosto muito de ficar lá, livre, sabe, se eu pudesse... Eu me levanto cedinho, 6 horas, 6 e meia, eu levanto, já visto minha roupa de campanha, começando para mexer no jardim, né, calço minhas luvas, encho os bolsos de, de, de pá, podão e tudo e vou mexer, só entro para o almoço, depois do almoço descanso um pouquinho e vou outra vez, depois entro só quando já está escuro, aí é que eu... ah, se eu pudesse eu dormia até lá fora, certeza.

Michele Arroyo: E a senhora fica aqui sozinha?

Dona Juracy: Eu e minha empregada.

Michele Arroyo: Aí ela faz companhia pra senhora.

Dona Juracy: É uma empregada que já está comigo há 43 anos, muito boa pessoa, é uma preta de alma branca, uma pessoa muito bondosa.

Michele Arroyo: Aí a senhora fica aí com ela e vai arrumando o jardim.

Dona Juracy: É, a gente vai levando a vida, né. Eu vou lendo, ela mexendo com as coisinhas dela e nós levando a vida. Mas a gente ultimamente não tem tido assim um tempo maior pra descansar não, aliás, eu não sou de descansar, eu sempre falo: “Eu vou descansar”, mas no fim, quando chega ao final eu vou, é como Juscelino falava: “Ah! Pra que descansar de dia?” Quando ele vinha aqui em casa ele corria e tal, depois deitava num cantinho e falava: “Daqui há quinze minutos eu vou me levantar”. Levantava refeito, alegre, né. Joubert falava: “Descansa mais!” e ele: “Não, descansar nada, não vou descansar, ô fi quando eu morrer eu vou descansar pra sempre, agora eu não posso, não posso perder tempo”, né. Eu também acho a mesma coisa, eu sou incapaz de ficar sentada assim muito tempo, sabe.

Michele Arroyo: A senhora gosta caminhar, ver as plantas...

Dona Juracy: É, eu sou agitada, eu sou um pouco agitada.

Michele Arroyo: Então o Juscelino vinha aqui sempre?

Dona Juracy: Vinha.

Michele Arroyo: Ele gostava muito da casa?

Dona Juracy: Gostava muito. Ele adorava a casa. Foi tudo feito assim, como se diz, a vontade dele, né, o Niemeyer, aquele artista maravilhoso...

Michele Arroyo: A senhora conheceu ele também?

Dona Juracy: Conheci, conheci ele rapazinho ainda, né, quando ele vinha várias vezes aqui em Belo Horizonte e a gente estava sempre em contato com o Juscelino, quando na inauguração do Cassino, que hoje é Museu, eu me lembro muito que Juscelino (?) pra inauguração, já estava tarde e nada dele aparecer e afinal de contas aparece o Niemeyer com a gravata voando assim, com o paletó na mão. Ele tinha pavor de avião, eu acho que até hoje ele tem pavor de avião, ele tinha vindo de carro para a inauguração, foi aí que eu o conheci, nós conversamos... Jovem, muito jovem mesmo que ele era, uma potência, né...

Michele Arroyo: Então a senhora foi na inauguração?

Dona Juracy: Fui, na inauguração do Baile, do late, do Museu, eu sou, eu não sou

brincadeira não, eu sou velhinha mesmo, acompanhei isso tudo.

Michele Arroyo: E teve a inundação, não teve uma época que inundou?

Dona Juracy: Teve, a inundação foi uma coisa tremenda! Foi uma coisa tremenda, porque o Joub, nós estávamos aqui na casa e a gente saía assim de manhã, saia dando uma voltinha, né, e eu dirigia naquela ocasião e nós fomos até a barragem, né, chegando lá Joubert debruçou-se e viu uma água correndo no meio das pedras do lado de lá e ele achou aquilo muito esquisito, ficou olhando bastante e depois chegou a comunicar, falou com o... , nesse tempo o prefeito era Dr. Gianetti, conversou com ele: “Oh, Gianetti eu tava passeando lá na barragem e vi uma água escoando lá num lugar que não era próprio pra ela”. Então ele veio aí, parece que olhou também. Aí Joubert pega e telefona pro Juscelino no Rio contando a ele, que isso aqui era a menina dos olhos do Juscelino. Juscelino pega avião, mesmo contra a vontade do comando da torre porque tava um tempo muito chuvoso e ele veio, quando ele chegou aí já estava (?) pra arrambar, nós entramos lá, nós três, eu, Joubert e Juscelino, nós lá na barragem olhando aquilo sem poder fazer nada. Juscelino tomou várias providências, mandou colocar uma placa de ferro grande, de aço, do lado de cá, porque as comportas estavam emperradas, não abriam, né, não conseguiu de jeito nenhum, e nós lá olhando aquilo, arrambando aqueles blocos de pedra e o pessoal que estava olhando de longe gritando: “Sai daí, sai daí! Olha, esse negócio vai arrambar! Sai daí!” Como de fato arrambou. Nós voltamos, né, e logo depois arrambou, completamente. Vi lágrimas nos olhos do Juscelino. A gente chorou mesmo, nós choramos porque, é uma coisa incrível você ver, assistir uma coisa assim, de perto, assistir um arrambamento daquele, foi uma coisa tremenda, e, depois quando a água toda escoou, ficou um mau cheiro aqui na Pampulha, uma coisa horrível, sabe, aquele lodo que ficou no fundo, ficou muito tempo assim. Foi quando Getúlio veio pra inaugurar a Mãesma e aí ele viu a Pampulha e doou uma verba boa para refazê-la, né. Foi feito assim, uma doação do governo federal com o governo da prefeitura, nesse tempo o Juscelino já não era mais prefeito não, Juscelino acho que era deputado federal nessa ocasião, logo depois ele foi eleito...

Michele Arroyo: Presidente...

Dona Juracy: ...Presidente da República, né.

Michele Arroyo: E aí, eles fizeram a reforma...

Dona Juracy: Fizeram a Reforma. Volta e meia ela tem que ser saneada porque ela recebe esgoto de vários lugares, né, por enquanto ela tá boazinha mas ano passado nós tivemos aqui um enxame de pernilongo que foi uma coisa absurda, não tinha sossego, era aquela nuvem de pernilongo.

Michele Arroyo: E aí depois eles jogaram remédio, né?

Dona Juracy: Pôs remédio... tá saneado, agora pelo menos por enquanto ainda não apareceu mais não, mas tem sempre uma draga, andando aí, navegando aí no lago, né, e fazendo a limpeza.

Michele Arroyo: E quando depois que teve a inundação e que eles reformaram teve outra inauguração... da Pampulha ou só foi uma...?

Dona Juracy: Não, não teve outra não. Foi dado como inaugurado e pronto, né.

Michele Arroyo: Então a senhora agora gosta de morar aqui?

Dona Juracy: Agora eu gosto, eu acho muito bom, sossegado, tranquilo, a gente passa uma semana boa. Você já correu tudo aí Juliana?

Juliana: Corri, ali fora já.

Dona Juracy: Você foi lá em cima?

Juliana: não, lá em cima não, por enquanto não, vou acabar aqui.

Michele Arroyo: Ah, então é isso Dona Juracy, só pra ter uma conversinha com a senhora, pra gente colocar lá no papel depois. Tão pouca gente assim, em Belo Horizonte que teve contato com o Juscelino, né...

Dona Juracy: Nós tivemos essa felicidade, muitos anos, né. Foram... eu me casei em 36, ele foi nosso padrinho de casamento e sempre em contato, constantemente, em todos os eventos a gente estava presente, né. Naquele tempo quando o Joubert era presidente do Tribunal de Contas aqui, ele falou: "Olha Joubert, vão embora, vai embora pro Rio, vão lá pro Rio, não fica aqui não, aposenta e vão embora." Então Joubert antecipou a aposentadoria e nós fomos pra lá, né. E lá continuava exatamente encontrando lá na Gávea Pequena, que Juscelino aos sábados, domingo, sempre reuniu os amigos lá pra um bate papo, né, os amigos do tempo ainda... do tempo daqui, quando ele era médico, né, um relacionamento muito grande, então... é...

Michele Arroyo: A senhora então encontrou a vida...

Dona Juracy: Foi um tempo bom, era uma pessoa extraordinária, viu! Outro igual não vai aparecer nunca mais.

Michele Arroyo: E é isso... A gente está fazendo um trabalho agora porque a Pampulha tem o tombamento federal, né, e o tombamento estadual e agora a gente vai fazer o municipal. Aí a gente vai falar mais o que a Pampulha representou pra Belo Horizonte, e o que ela representa até hoje, então a gente vai fazer um texto grande contando a história toda da Pampulha.

Dona Juracy: Eu acho que ela tem uma representação bem acentuada, né, porque uma capital, do interior... essa água dá uma tranquilidade pra gente... e é bonito de se ver, é muito bonito.

Michele Arroyo: Então, a senhora adora a Pampulha aqui.

Dona Juracy: É, agora eu gosto da Pampulha, adorar eu não falo que adoro não porque a gente adora só Deus, né.

Michele Arroyo: Mas a senhora gosta muito de ficar aqui.

Dona Juracy: Gosto, gosto muito, todo mundo gosta muito daqui.

Michele Arroyo: E vem muita gente visitar a casa?

Dona Juracy: Vem, constantemente vem turmas de estudantes de arquitetura, né, vem gente do exterior, da América Latina. Constantemente vem gente do Chile, da Argentina, da Bolívia, Venezuela e... uma das últimas vezes foi essa turma grande que veio com o professor Ricardo Lana, veio trazendo uma turma de Amsterdã, essa turma grande...

Michele Arroyo: E o Niemeyer não voltou aqui.

Dona Juracy: Aqui na casa... ele tem vindo aí, ... eu tenho tido notícia dele vindo aqui, vindo aqui ver a Igreja, que até houve uma reforma grande, ele pediu que retirassem os pinheiros, que lá na Itália usa muito, aquelas igrejas todas, tem uma porção de pinheiros italianos... Você conhece, né, aquele pinheiro pontudinho. Ele mandou tirar porque aquilo estava quebrando a harmonia. De fato quebrava a harmonia, muita coisa errada aí. Mas como ficou delegado ao esquecimento, a Pampulha ficou muito tempo esquecida, muito tempo mesmo. É, agora parece que eles pretendem por a Pampulha como ela era antigamente, uma área de lazer, Belo Horizonte não dispõe de muitas, né, são poucas áreas de lazer aqui. Aqui é

muito agradável, tem uma barca que aos sábados e domingos fica trançando pra lá e pra cá.

Michele Arroyo: Aí a senhora fica vendo daqui...

Dona Juracy: Dá um aspecto agradável, né, é muito bom.

Michele Arroyo: Então muito obrigada pela entrevista.

Dona Juracy: Eu é que agradeço muito e você desculpa aí alguma falha, alguma coisa, mas tem que relevar porque a minha memória, apesar da minha idade, não está muito ruim ainda não.

Michele Arroyo: A senhora está ótima!

-----Fim.

Observação: Alguns trechos da gravação apresentavam problemas. O símbolo (?) foi utilizado todas as vezes que era impossível escutar e compreender o que foi falado.

ANEXO 3

Normas de visitação

Para que a visita ao Museu Casa Kubitschek ocorra de maneira segura e confortável é importante que sejam observadas as seguintes recomendações:

- O visitante somente acessará as dependências do Museu em seu horário de funcionamento;
- Após o fechamento do museu, o visitante terá um tempo de tolerância para permanecer na instituição de 10 minutos;
- Para as visitas mediadas agendadas, os estudantes deverão deixar suas mochilas no armário do Setor Educativo;
- Não é permitido o uso das pias, torneiras e sanitários do terceiro pavimento da casa;
- O banheiro próximo ao elevador é acessível para cadeirantes e poderá ser usado somente por deficientes, idosos e pessoas com mobilidade reduzida.
- Crianças menores de 10 anos e incapazes devem sempre estar acompanhadas pelos pais e/ou responsáveis;
- Não é permitido tocar nas peças em exposição, com exceção dos objetos devidamente identificados;
- A entrada de animais não é permitida. Somente são admitidos cães-guias que acompanham pessoas com deficiências visuais;
- É expressamente proibido fumar nas dependências do Museu, inclusive nos jardins;
- A capacidade interna da casa é de 25 pessoas. Alcançando esse limite, os funcionários controlarão a entrada de novos visitantes, para evitar a superlotação e garantir a segurança de todos;
- A prioridade de entrada nas exposições é dos grupos agendados. Os profissionais do Museu têm autonomia para controlar o acesso de grupos não agendados, zelando pelo compromisso firmado com os grupos previamente agendados e com as normativas de segurança;
- Não é permitido beber, comer ou mascar chicletes e balas dentro das áreas expositivas;
- Não é permitido filmar ou fotografar com uso de equipamentos profissionais sem autorização prévia;
- Não é permitido falar ao celular durante a visitação. Pede-se que este fique no silencioso ou desligado;
- Idosos, pessoas com deficiência, gestantes e pessoas com crianças de colo têm acesso preferencial;
- Cadeiras de rodas e carrinhos de bebê são autorizados;
- No caso de qualquer acidente ou acontecimento não usual, este deverá ser comunicado de imediato a um profissional do Museu;
- Não é permitida a entrada de pessoas sem camisa e sem calçado;
- O visitante deve evitar se aproximar dos lagos e dos animais.

Sobre o uso do elevador:

- O elevador destina-se exclusivamente ao transporte de pessoas com mobilidade reduzida;
- Capacidade máxima permitida: 2 passageiros;
- Se desejar, solicite o acompanhamento de um funcionário do museu;

- Antes de iniciar o transporte, certifique-se de que nenhum passageiro se encontra apoiado na barra “guarda corpo”;
- Nenhuma parte do corpo dos passageiros deve ficar para fora dos limites do guarda corpo;
- Para apoio, os passageiros devem usar as alças do painel frontal;
- Após o uso do elevador, a barra “guarda corpo” deve voltar à posição horizontal.

ANEXO 4

Orientações para fotografia e filmagem

Norma válida para os Equipamentos Culturais do Conjunto Moderno da Pampulha - Museu de Arte da Pampulha, Museu Casa Kubitschek, Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design:

As edificações, jardins e obras de arte que compõe o Conjunto Moderno da Pampulha são Patrimônio Cultural reconhecido nas esferas municipal, estadual, federal e mundial. Os espaços da Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design, Museu Casa Kubitschek e Museu de Arte da Pampulha são públicos e têm a finalidade de receber visitantes em atividades culturais e de lazer. A prioridade é a realização de atividades como exposições, ações artísticas e educativas. Para que todos possam usufruir da estrutura desses Equipamentos Culturais, pessoas interessadas em utilizar os espaços para fotografia e filmagem devem observar algumas normas de utilização. Vamos juntos preservar nosso patrimônio cultural e torná-lo conhecido e reconhecido!

É vedada a realização de fotografia e filmagem de cunho político-partidário em qualquer equipamento público municipal.

Sessões nos espaços expositivos

Nos espaços internos destinados a exposições são permitidos somente registros para uso pessoal relacionados à visita, a partir de celulares ou câmeras amadoras, sem flash. Não são permitidas imagens com fins comerciais ou de divulgação nas áreas expositivas.

Sessões nas áreas externas, sem fins comerciais

O registro fotográfico e videográfico sem fins comerciais nos jardins e áreas externas é apenas para uso particular - incluindo imagens turísticas, de pesquisa ou registro, *books* de casais, noivas, debutantes, bebês - independente do equipamento utilizado. Para sessões fotográficas, gravações ou filmagens nos jardins e áreas externas, deve-se observar os seguintes procedimentos:

Museu de Arte da Pampulha: no dia, requisitar autorização na recepção (mediante identificação do responsável e assinatura de termo de compromisso). O responsável deverá portar o adesivo de identificação fornecido pelo MAP.

Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design: no dia, requisitar autorização na recepção (mediante identificação do responsável e assinatura de termo de compromisso). A emissão de autorizações é por dia e é limitada.

Museu Casa Kubitschek: com 02 (dois) dias de antecedência, requisitar agendamento com a administração pelo email ck.fmc@pbh.gov.br. No dia, requisitar autorização na recepção (mediante identificação do responsável e assinatura de termo de compromisso) informando sobre o pré-agendamento. A emissão de autorizações é por dia e é limitada.

Em todos os Equipamentos Culturais do Conjunto Moderno da Pampulha, quem realiza atividades de fotografia e filmagem nas áreas externas deve observar as seguintes normas de conduta:

1. A permissão para fotografar e filmar é válida apenas para a área externa, para o dia em que é concedida e durante o horário de funcionamento do Equipamento Cultural: das 9h às 18h. Dessa forma podemos acompanhar as atividades e garantir conforto e segurança.

2. Para que todos possam usufruir do Equipamento Cultural, as áreas de circulação devem ficar livres para a passagem dos visitantes e a paisagem deve ficar desobstruída para observação.

2.1. Bolsas, equipamentos e pertences devem ser posicionados de forma a permitir a livre circulação de pessoas.

2.2. Não é permitido o uso de equipamentos que possam restringir a mobilidade ou conforto de outras pessoas, tais como tripés, extensões, refletores e flashes.

2.3. Não é permitida a montagem de estruturas que obstruam a visão ou espaço, tais como tendas, biombos, varais, painéis e mesas.

3. Os elementos que constituem nosso Patrimônio Cultural - obras de arte, edificações, jardim e paisagem - precisam do nosso cuidado.

3.1. As obras de arte não devem ser tocadas ou receber qualquer interferência.

3.2. As escadas, corrimão, esculturas e luminárias não podem ser utilizadas como apoio para pessoas, equipamentos e materiais. Não é permitido afixar quaisquer objetos em paredes, pisos ou outros componentes arquitetônicos das edificações, como artifícios pirotécnicos;

3.3. O acesso ao gramado é livre, mas os canteiros não devem ser pisoteados ou ter suas plantas arrancadas.

3.4. Todo lixo produzido deverá ser recolhido, acondicionado em sacos plásticos e entregues para a equipe de limpeza.

3.5. É proibida a utilização de material pirotécnico ou inflamável.

4. Não há camarim. Os banheiros públicos dos Equipamentos Culturais não têm estrutura para trocas de roupas, preparação de cabelo e maquiagem.

As equipes dos Equipamentos Culturais são responsáveis pela orientação das pessoas no bom uso do espaço. Em caso de dúvida, solicite orientação e siga as indicações dos profissionais.

A não observação das normas de conduta leva a suspensão imediata da autorização para fotografia e filmagem, podendo acarretar nas medidas judiciais cabíveis.

Sessões nas áreas internas e externas, com fins comerciais, culturais ou de divulgação.

Para realização de imagens com fins comerciais, culturais ou de divulgação nos espaços permitidos, é necessário que o solicitante faça um pedido formal à gestão do Equipamento Cultural, que pode sinalizar ou não a disponibilidade na data e para a finalidade pretendida. O prazo para solicitação é de no mínimo 60 dias de antecedência. No caso de filmagem na área externa, deve ser acionada também a Comissão de Filmagem, regulamentada pelo Decreto Municipal nº 16.515 de 23 de dezembro de 2016.

O uso das áreas internas dos equipamentos com fins comerciais, culturais ou de divulgação é permitida apenas em períodos sem exposição ou programação cultural.

Nos casos aprovados, haverá a aplicação da regulação de Preço Público, conforme Decreto Municipal nº 15.721, de 10 de outubro de 2014. Deverá ainda ser celebrado contrato de Autorização de Uso Especial de equipamento público municipal com a Fundação Municipal de Cultura. É vedado a quaisquer funcionários públicos municipais, conforme Lei Municipal 7.169 de 30 de agosto de 1996, Estatuto do Servidor, assinarem qualquer tipo de contrato com a administração municipal.

ANEXO 5

Regras para Realização de Piquenique Museu Casa Kubitschek

Para o Museu Casa Kubitschek (MCK) é um prazer oferecer seu jardim posterior para a realização de piqueniques. Eles poderão acontecer de terça-feira a domingo, das 9h às 17h30, exceto feriados. Visando o adequado uso do espaço e a manutenção deste importante equipamento cultural da nossa cidade, as orientações abaixo deverão ser rigorosamente cumpridas:

1. É imprescindível o agendamento prévio, com 2 dias úteis de antecedência, via e-mail: ck.fmc@pbh.gov.br
2. O limite máximo de participantes do piquenique é de 12 pessoas, incluindo as crianças.
3. A utilização destina-se única e exclusivamente à área dos jardins posteriores do museu.
4. Não é permitido o uso de bebidas alcoólicas.
5. Não são permitidos animais, mesmo que no colo.
6. Crianças deverão ser monitoradas e acompanhadas por seus responsáveis.
7. Não é permitida a entrada de crianças desacompanhadas de seus responsáveis nos espaços expositivos.
8. Não é permitida a entrada nos espaços expositivos com alimentos ou bebidas.
9. O museu não se responsabiliza por perdas e danos a bens e utensílios utilizados pelo usuário e seus convidados.
10. O museu poderá emprestar esteiras para forrar o gramado. Estas deverão ser devolvidas limpas e nas mesmas condições em que foram disponibilizadas.
11. Mediante solicitação prévia, o museu poderá disponibilizar cadeiras para pessoas que tenham mobilidade reduzida.
12. Todo lixo produzido deverá ser recolhido e acomodado em sacos plásticos para a devida destinação.
13. Os banheiros sociais do museu poderão ser utilizados normalmente. Não possuímos fraldário.
14. Não é permitida a montagem de qualquer tipo de estrutura: painéis, pula-pula, piscina de bolinhas, tendas, ornamentação, etc.
15. Não é permitido o uso de material esportivo: bola, peteca, disco, etc.
16. Não é permitido subir nas árvores.
17. Não é permitida a utilização de caixas de som, equipamentos sonoros ou instrumentos musicais.
18. Não é permitida a participação de animadores de festa.
19. Em caso de descumprimento das normas, o responsável terá suspensa a autorização, bem como será responsabilizado por danos causados, acidental ou intencionalmente, ao patrimônio, através das sanções jurídicas cabíveis.